

A persistencia da cultura caiçara em Perequê-Açú – Ubatuba-Brasil
The persistence of caiçara culture in Perequê-Açú - Ubatuba-Brazil
La persistencia de la cultura caiçara en Perequê-Açú - Ubatuba-Brasil

Recebido: 04/10/2020 | Revisado: 06/10/2020 | Aceito: 09/10/2020 | Publicado: 11/10/2020

Priscilla Lopes Bruno

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6634-8913>

Faculdade das Américas, Brasil

E-mail: priscilla160@hotmail.com

Sidnei Raimundo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2182-9593>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: sraimundo@usp.br

Dennis Minoru Fujita

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0419-5338>

Universidade de São Paulo, Brasil

Universidade Santo Amaro, Brasil

E-mail: dmfujita@usp.br

Resumo

O presente estudo analisou a produção do espaço e territorialidades na praia do Perequê Açú, no município de Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo, tendo como objetivo discutir as transformações socioespaciais e econômicas sofridas pelo grupo tradicional caiçara-pescador. Optou-se por um método de abordagem etnográfica, de pesquisa qualitativa e exploratória, com aplicação de entrevista dirigida com as principais lideranças do passado e do presente envolvidas na transformação da localidade de Perequê-Açú, bem como turistas (90 entrevistados) nos meses de janeiro e julho de 2019 e janeiro de 2020. Os resultados indicaram da atividade turística bem como da especulação imobiliária de segunda residência no contexto de manutenção da cultura caiçara, que sendo subjugada, deslocou-se para uma zona periférica onde luta por sua sobrevivência sem o apoio do estado. A manutenção da cultura caiçara é necessária para a proteção deste patrimônio imaterial bem como para a sobrevivência da identidade local.

Palavras-chave: Produção do espaço; Segunda residência; Caiçara-Pescador; Perequê-Açú. Ubatuba.

Abstract

This study discusses the production of space and territorialities at Perequê Açú beach, in the city of Ubatuba, on the northern coast of the state of São Paulo, with the objective to study socio-spatial and economic changes suffered by the traditional caiçara fisherman group. We opted for a method of ethnographic approach, of qualitative and exploratory research, with the application of direct interview with the main current leaders involved in the changes of the locality of Perequê-Açú, as well as tourists (90 interviewees) in the months of January and July 2019 and January 2020. The results indicated tourism activity as well as second-home real estate speculation in the context of maintaining Caiçara culture, which, being subjugated, moved to a peripheral area where it struggles for its survival without state support. The maintenance of the caiçara culture is necessary for the protection of this intangible heritage as well as for the survival of the local identity.

Keywords: Space production; Second residence; Caiçara-Fisherman; Perequê-Açú. Ubatuba.

Resumen

Este estudio analizó la producción de espacio y territorialidades en la playa perequê açú, en el municipio de Ubatuba, en la costa norte del estado de São Paulo, con el objetivo de discutir las transformaciones socioespaciales y económicas que sufre el grupo tradicional caiçara-pescador. Se optó por un método de abordaje etnográfico, de investigación cualitativa y exploratoria, con la aplicación de una entrevista dirigida a los principales líderes del pasado y presente involucrados en la transformación de la localidad de Perequê-Açú, así como a turistas (90 entrevistados) en los meses de Enero y Julio de 2019 y Enero de 2020. Los resultados indicaron actividad turística, así como especulación inmobiliaria de segundas viviendas en el contexto de mantenimiento de la cultura Caiçara, que, subyugada, se trasladó a una zona periférica donde lucha por su supervivencia sin apoyo estatal. El mantenimiento de la Cultura Caiçara es necesario para la protección de este patrimonio inmaterial, así como para la supervivencia de la identidad local.

Palabras clave: Producción espacial; Segundas viviendas; Caiçara-Pescador; Perequê-Açú. Ubatuba.

1. Introdução

O turismo de massa ou também chamado “turismo de sol e praia” vem se expandindo de forma rápida, os destinos turísticos que ficam na faixa litorânea são bem requisitados principalmente no verão segundo Tulik (2001), fenômeno este também chamado de “veranismo”.

O município de Ubatuba está localizado no litoral norte do Estado de São Paulo é um município que possui um turismo de “sol e praia”, recebe milhares de turistas durante o ano inteiro, segundo dados da Secretaria de Turismo de Ubatuba em 2018 descenderam cerca de 500 mil turistas nos meses do verão (janeiro e fevereiro) em todo o município. Além disso, Ubatuba possui algumas comunidades caiçaras que estão estabelecidas ao longo de todo o seu litoral.

A praia do Perequê Açú, que é a área de estudo dessa pesquisa, está localizada na região central de Ubatuba, apenas 1,5 km do centro de Ubatuba. Seu acesso pode ser feito pelo centro da cidade, cruzando a ponte do Rio Grande, que dá acesso ao bairro ou ainda pela Rodovia Rio-Santos, sentido Ubatuba-Paraty. Esta praia possui 63,1% de domicílios não ocupados segundo pesquisa da Unidade de Saúde UBS de Perequê Açú (2019), ou seja, a grande ocupação do bairro é de casa de veraneio e sua frequência é por turistas de veraneio. Neste bairro também possui um grupo caiçara que trabalha com a pesca e estão estabelecidos em um Rancho de Pesca, vinculado a Colônia dos Pescadores Zona Z10 de Ubatuba.

O território do caiçara-pescador foi introduzido e demarcado na praia do Perequê Açú pelo advento da construção do Rancho dos Pescadores, este espaço é um marco histórico para esses pescadores, que foi conquistado através de uma luta árdua, por anos. O Rancho representa um espaço garantido para exercer suas práticas com mais segurança (local para guardar seus apetrechos de pesca) e com o intuito também de ser um atrativo turístico, onde as pessoas poderiam conhecer a tradição da pesca artesanal e da cultura caiçara.

Esta pesquisa analisa as transformações socioespaciais do território e os impactos socioeconômicos causados pelo turismo no grupo tradicional existente, sendo realizada, em primeiro momento, investigação documental para levantamento de informações de uso e ocupação do espaço, e entrevista dirigida a líderes do grupo caiçara (5 entrevistados) em busca de compreender a relação deste grupo local com a população flutuante de turistas, bem como analisar, bem como de turistas ou proprietários de segunda residência (90 entrevistas, realizadas nos meses de janeiro e julho de 2020, e janeiro de 2020) para entender como estes

constroem sua relação com esta população local, e se compreendem a importância da manutenção de tradições, incluindo-se o espaço neste grande contexto.

2. Metodologia

O percurso metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa foi dividido em etapas, de acordo com as técnicas adotadas. Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico e documental pertinente ao objeto e área de estudo, depois foi utilizado o método de observação não participante tanto dos turistas como dos caiçaras-pescadores que estão estabelecidos na praia em estudo, além da aplicação de entrevistas dirigida (semiestruturadas) para o entendimento do caiçara e por último, consistiu em sistematização dos dados com vistas a responder à problemática e atingir os objetivos.

Já à pesquisa documental Gil (2008, p.147) explica que “em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos”. As fontes documentais são importantes porque possibilitam muitas vezes o conhecimento do passado e são capazes de oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade. Também possibilita a investigação dos processos de mudanças nas estruturas e formas de relacionamento sociais.

Neste caso os documentos que nortearam esse projeto e que foram consultados são: a Lei orgânica do Município¹, na questão de uso e ocupação do solo, como também a lei de zoneamento da praia do Perequê Açú e o Plano Diretor Turístico de Ubatuba². Nesses documentos foram verificadas as normativas para entender as transformações e mudanças estruturais do território (bairro do Perequê Açú) e as formas de relacionamento com o turismo. No Ministério da Pesca foi levantada a regulamentação do Rancho dos Pescadores para melhor compreensão do local e da sua importância na vida do pescador/caiçara.

Considerando as bases teóricas optou-se por um método de abordagem etnográfica segundo os princípios de Magnani (2002), simplesmente pela sua capacidade de aprofundamento e de totalidade investigativa, na qual esse método proporciona uma pesquisa

¹ LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE UBATUBA, 4 DE ABRIL DE 1990. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://LEISMUNICIPAIS.COM.BR/LEI-ORGANICA-UBATUBA-SP](https://leismunicipais.com.br/lei-organica-ubatuba-sp). ACESSO EM: 10 DE NOV. 2019.

² Ubatuba não possui um Plano Diretor Turístico, apenas o Plano Diretor do Município que engloba o Turismo, conforme a LEI NÚMERO 2892 DE 15 DE DEZEMBRO DE 2006 (Autógrafo n.º 106/06, Projeto de Lei Complementar – Mensagem N.º 53/06). Disponível em: https://www.ubatuba.sp.gov.br/download/LEI%202892_Plano%20Diretor_Cons%20cidades.pdf. Acesso em: 10 de nov. 2019.

qualitativa, descritiva e exploratória que, combinado entre si, se completa e auxilia o desenvolvimento e compreensão do objeto de estudo proposto. Quanto à abordagem geográfica nesta pesquisa se dá pela ênfase no entendimento do espaço, baseado em Milton Santos e quando é focado o território do pescador/caiçara, o embasamento teórico foi baseado em Hasbaert (2004 e 2007) e sua importância na compreensão da atividade turística que se estabelece na praia em estudo. Para que haja melhor compreensão dos objetivos e do problema proposto à análise qualitativa será a base norteadora deste estudo.

A abordagem qualitativa, segundo Richardson (1999, p.79) “justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” e para Veal (2011, pg.264) a pesquisa qualitativa “envolve coleta de grandes quantidades de informações “ricas” a respeito de relativamente poucas pessoas ou organizações”.

Para a análise qualitativa foi aplicada entrevistas semiestruturadas com alguns moradores do município. Conforme avançava na pesquisa, sempre havia indicação de pessoas que poderiam trazer informações importantes sobre o bairro. Essas entrevistas foram muito enriquecedoras, pois trouxeram dados e informações dos acontecimentos históricos e do desenvolvimento territorial do bairro ao longo dos anos. E cada vez que alguém citava um fato ou um ocorrido, esta informação foi sempre verificada mais a fundo indo nos departamentos específicos na Prefeitura ou na biblioteca da cidade ou ainda verificando em notícias de jornais e revistas da região.

Quanto ao entendimento da pesquisa descritiva Veal (2011, p.29) afirma que a “pesquisa descritiva pode ser considerada exploratória: procura descobrir, descrever ou mapear padrões de comportamento em áreas ou atividades que não foram previamente estudadas”. A análise descritiva se torna importante ao entendimento tanto dos padrões de comportamento do grupo do pescador/caiçara como dos turistas que frequentam a praia em estudo do Perequê Açú.

Na pesquisa qualitativa e etnográfica a técnica de observação não participante é um instrumento que penetra na complexidade de um problema, ajudando muitas vezes segundo Richardson (1999, p.82) “a revelar inesperados e surpreendentes resultados [...] podem-se obter informações sobre fenômenos novos e inexplicados que, de certo modo, desafiam nossa curiosidade”.

Portanto, a observação não participante se fez na praia do Perequê Açú, analisando e interpretando o comportamento e cotidiano do caiçara-pescador, além de analisar a sua relação com o turismo de veraneio (sol e praia) que permeiam o cotidiano local e que foi o grande vetor de transformação territorial e social na vida do caiçara-pescador. A observação

não participante foi feita em 05 dias consecutivos no mês de julho de 2019 e também no mês de janeiro de 2020.

As entrevistas tiveram como objetivo levantar informações referentes à rotina do caiçara-pescador, e sua história de vida, entender também o que é ser um remanescente caiçara nos dias atuais, sua relação com o Rancho do Pescador e, qual a relação que eles estabelecem com os turistas de veraneio. Foram feitas entrevistas dirigidas, através de perguntas precisas, formuladas e com uma ordem preestabelecida aos turistas (90 entrevistas nos meses de janeiro e julho de 2019 e janeiro de 2020).

Foram aplicadas cinco entrevistas, dos dez caiçaras-pescadores estabelecidos no Rancho dos Pescadores, na praia de estudo, tendo o estilo de entrevista qualitativo, tornando o estudo mais amplo e complexo, pois como cada um possui uma “história por si só”, essas informações trouxeram um enriquecimento à pesquisa.

O roteiro de assuntos abordados foi semiestruturado e formal, baseado na estrutura conceitual da pesquisa e na conseqüente relação de dados necessário para a discussão e análise dos dados levantados.

Para o cumprimento nas questões éticas, às entrevistas com os caiçaras-pescadores, bem como dos turistas se basearam nas exigências da Plataforma Brasil (CAAE 21257719.4.0000.5390), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz.

A amostragem por saturação é uma ferramenta especulativa utilizada em relatórios onde há investigações qualitativas, o termo *saturação* foi criado por Glaser e Strauss (1967), quando os autores faziam uma pesquisa de campo, como as novas coletas não estavam trazendo mais esclarecimento para o estudo.

Identificou-se através de uma amostragem nas entrevistas dirigidas tanto com o caiçara-pescador, assim como as entrevistas realizadas com os veranistas e proprietários dos quiosques na orla do Perequê Açú, quando foi aplicado em 2019 e 2020 uma repetitividade nas informações, havendo pouco acréscimo no material já obtido, o que não mais contribuiu de forma expressiva para a reflexão teórica dos dados que foram coletados, por esse motivo se adotou a amostra por saturação.

3. Resultados e Discussão

O território é fonte de recursos e, ao mesmo tempo, é apropriação na produção da identidade ética nos orientando o comportamento dos atores sociais e oferecendo sentido na

estrutura e mobilização do bairro. Nesse item será necessário discutir a simbologia do espaço e do território e do turismo para compreender o atual papel do caiçara-pescador nesse meio.

Para entender a relação entre o caiçara-pescador e o seu espaço é necessário o entendimento do território que segundo o dicionário online Michaelis, 2019 “território é uma porção da superfície terrestre pertencente a um país, estado, município, distrito, entre outros”. Refere-se a uma área delimitada apropriada por um indivíduo ou um grupo de pessoas, mas também pode ser apropriada por uma organização ou instituição e pode estar sob jurisdição de uma autoridade. Para além dos significados concisos dos dicionários não técnicos, que não conseguem dar conta da diversidade de abordagens sobre essa categoria, é preciso um aprofundamento temático maior.

O primeiro autor que estudou e discutiu sobre o território, segundo Santiago (2014) foi o alemão Friedriche Ratzel (1897), após viajar pela Europa e América, observando a migração dos animais e dos humanos, constatou que a concentração destas populações em determinadas áreas da Terra era influenciada pelo meio natural, ou seja, o ambiente interfere diretamente no desenvolvimento de uma sociedade e o homem é produto do meio e escravo do seu próprio “espaço”.

A população Caiçara traz em sua raiz essas características, é um povo que mantém fortes relações com o meio ambiente, principalmente com a terra e o mar para atender a sua necessidade de sobrevivência. O caiçara trabalhava a terra e saía ao mar pescar para se alimentar e para alimentar o grupo doméstico que era composto por sua família nuclear e por outros que se agregam ao seu domicílio, segundo Marcílio (2006).

Moraes (2005) explica que Ratzel para tentar compreender o território, ele estudou o espaço passível de ocupação humana, denominando-o de “espaço vital”:

este representaria uma proporção de equilíbrio, entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo assim suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais (Moraes, 2005, p. 19).

O caiçara considera os ciclos da natureza, já que extrai dali sua sobrevivência e tenta preservá-la para o usufruto de suas gerações futuras. A roça caiçara conforme Mussolini (1980), não era primitiva, havia uma tecnologia apropriada que se desenvolveu frente às condições tropicais, era uma forma de cultivo autossustentável.

Então, pela teoria de Ratzel, segundo Santiago (2014) e Moraes (2005) o território representa as condições de trabalho e a existência de uma comunidade, com a sua perda, poderá ser acarretada uma decadência social.

a sociedade é um organismo que mantém relações duráveis com o solo, manifestas, por exemplo, nas necessidades de moradia e alimentação [...] O progresso significaria um maior uso dos recursos do meio, logo, uma relação mais íntima com a natureza. Quanto maior o vínculo com o solo, tanto maior seria para a sociedade a necessidade de manter sua posse (Moraes, 2005, p.19).

Milton Santos (1979) também discutiu sobre a categoria território, para este autor há elementos fixos, resultantes da ação do homem e do seu trabalho, assim como as diversas relações sociais e as diferentes formas de ocupação, além da produção que acontece nesse espaço.

Para Ratzel (1897), segundo Santiago (2014) o território pode expandir-se ou retrair-se conforme a luta pela sobrevivência de uma determinada sociedade, no caso do grupo caiçara do Perequê Açú houve muito mais retração, não por problemas de esgotamento do meio natural, mas sim por questões capitalistas, pelo uso do capital rentista e especulativo na produção do espaço, por meio de uma especulação imobiliária.

O espaço e o território são distintos na visão de Raffestin (1980), para este autor o território é formado a partir das relações no espaço.

O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela as relações marcadas pelo poder. [...] todo projeto é sustentado por um conhecimento e uma prática, isto é, por ações e/ou comportamento que, é claro, supõem a posse de códigos, de sistemas sêmicos. É por esses sistemas sêmicos que se realizam as objetivações do espaço, que são os processos sociais (Raffestin, 1980, p. 144-145).

O território para esse autor possui distintas funcionalidades, esse espaço interage com o conjunto econômico, político, social e cultural originados do indivíduo e/ou de grupos sociais. Entretanto, os comandos hierárquicos são gerados pela relação do sistema de poder, onde neles se vê explicitamente que este sistema possui uma limitação e também é constituído pelos seguintes elementos: sociedade - espaço - tempo e influenciados por atores que buscam a modificação das relações da natureza e também sociais.

É possível notar que o bairro do Perequê Açú nasceu já com o intuito do turismo de veraneio, com loteamentos voltados para casas de segunda residência, a princípio para atender aos turistas de Taubaté e das outras cidades do Vale do Paraíba, hoje já se nota pessoas da capital de São Paulo, do interior do Estado de São Paulo, de Minas Gerais e de outras regiões do Estado de São Paulo e do Brasil. Havia pouco comércio no bairro, somente o básico para atender as necessidades dos turistas, como padaria, mini mercado e farmácia. Entretanto com

o passar do tempo, os residentes de Ubatuba começaram a ir morar no bairro, isso se deve pela proximidade do centro (1,5 quilômetro) e pelo valor das terras, com preço mais baixo que em outros lugares. Com isso, a necessidade do sistema (sociedade-espaço-tempo) trouxe ao bairro nova funcionalidade, trouxe novos comércios, como posto de gasolina, lojas de roupa e de móveis, igrejas, fábrica de gelo, fábrica de sorvete, entre outros.

Vemos que a apropriação da dimensão espacial pode estar ancorada nas vertentes políticas, cultural, econômica e naturalista, como enfoca Haesbaert (2007):

[...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (Haesbaert, 2007, p.79).

A nova concepção do bairro do Perequê possui um viés multidimensional. A única questão é que o turismo que nasceu ali, como em todos os lugares, trouxe a especulação imobiliária e com ela os interesses de setores da sociedade, que roubou, enganou e ludibriou alguns caiçaras para poder adquirir suas terras de frente ao mar, como é o caso do Caiçara Sr. Leopoldo de Souza de 84 anos:

Um moço chegou aqui e me ofertou uma boa quantia em dinheiro para eu deixar minha terra, assinei um papel em branco com a promessa que iria receber o dinheiro depois, esse dinheiro nunca veio e tive que sair da minha terra em frente ao mar no Perequê Açú, com a minha família, mulher e filhos, apenas com uma muda de roupa, fomos morar no Taquaral (bairro), em casa popular e fiquei lá por 9 anos, até conseguir voltar ao bairro (Leopoldo de Souza, 2019³).

O caiçara deixou a muito tempo de ter uma economia camponesa, quando plantavam seus alimentos na roça, ele cedeu seu espaço para a especulação imobiliária vinda do turismo “expulsaram o velho caiçara de suas terras e, em seu lugar, implantaram a destruição ecológica, a avidez fundiária e o vazio humano das casas de fim de semana” (Marcílio, 2006, p.62). O seu trabalho foi afetado e o seu território já não lhe pertence mais.

Para Haesbaert (2007) a destruição do território também implica na destruição da identidade cultural de um grupo. E o grupo de caiçaras existentes nesse bairro (Perequê Açú) tem sofrido com algumas perdas territoriais, mas não sofreram perdas de identidade cultural,

³ Caiçara-pescador Leopoldo de Souza (Pai do Zé Tadeu), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

como relata o caiçara-pescador José Tadeu (2019)⁴ “perdi minha casa, minha terra de frente ao mar, mas não perdi minha identidade”.

O seu território cheio de dimensões simbólicas é estabelecida juntamente pela relação com a natureza, hoje, para alguns impedidos pelo interesse do setor turístico. O território é fonte de recursos e, ao mesmo tempo, é apropriação na produção da identidade para alguns, conforme explica Haesbert (2007):

A identidade (no caso étnico-territorial), não é simples manipulação simbólica ou ideológica. A identidade étnica tem um valor performativo, no sentido de que ela acaba efetivamente por orientar o comportamento dos atores sociais e por lhes oferecer sentido e uma possibilidade de mobilização (Haesbert, 2007, p.228).

A leitura que se faz da praia do Perequê Açú com relação ao turismo é que o processo de urbanização e o fenômeno turístico vêm transformando o espaço desde a década de 1950 quando o bairro começou a ser loteado, imputando diferentes significâncias ao território no que diz respeito à *desterritorialização* do caiçara e *reterritorialização* do turismo de veraneio (especulação imobiliária).

A reivindicação dos direitos de uso e apropriação do seu espaço no meio natural, que é um elemento necessário à sua reprodução socioeconômica e cultural, veio da regulamentação do seu Rancho dos Pescadores que está localizado em uma área pública federal e possui um termo de autorização de uso GRPU-SP nº 001/2007 que é destinado a preservação da cultura caiçara.

Neste ato estatal pode-se ver a dimensão simbólica do território caiçara sendo valorizado. Para Santos (2009, p.39) há dois lados essenciais num espaço: de um lado a paisagem, funcionalização da estrutura técnico-produtiva e lugar de *fetichização*; do outro, a sociedade total, a formação social que anima o espaço. A partir do momento que o Rancho de Pesca foi construído, este espaço começa a ser refuncionalizado e valorizado pelos caiçaras e comunidade em geral. Antes era apenas um pedaço do bairro inóspito e pouco atraente, com a construção do Rancho começou atrair mais pessoas, casas foram construídas próximas, o bairro começa a se desenvolver para este lado da praia e sua pesca começa a ficar mais conhecida e sua profissão prosperar junto ao turismo, conforme relata o caiçara-pescador:

Porque aqui ficou conhecido agora, “vamos lá no Rancho do Pescador, porque tem peixe fresquinho”, é isso que é importante hoje o Rancho, antes não, não tinha e era

⁴ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

difícil de vender peixe hoje virou rotina de quem conhece o Rancho, vai e volta (José Tadeu, 2019)⁵.

Para Santos (2009, p.35) “*desfetichizar* o homem e o espaço é arrancar à Natureza os símbolos que ocultam a sua verdade”, nesse sentido é revalorizar o seu trabalho e até mesmo o próprio homem nesse meio, ou seja, o caiçara-pescador do Perequê conseguiu o seu espaço, revalorizado pelo seu trabalho que ali era exercido há décadas e foi através do Rancho de Pesca que ele obteve a sua revalorização como pescador e homem no meio social em que vive

3.1 O Rancho de Pesca

O território do caiçara-pescador foi introduzido e demarcado na praia do Perequê Açú quando se deu a construção do Rancho dos Pescadores, este espaço é um marco histórico para esses pescadores, foi uma luta árdua, por anos, para conseguirem seu espaço em uma praia que já não lhes pertencia mais, já que a especulação imobiliária causada pelo turismo de veraneio a retirou.

Muitas indagações foram feitas ao caiçara-pescador para entender como ele foi e está inserido em seu território e quando foi perguntado “o porquê o Rancho foi construído nesse local?”. Em resposta “porque era um local de menos acesso para os turistas, aqui não tinha casa, era livre, então não interferia na visão da praia [...] *foi uma demanda, uma briga que nós fizemos, lutamos e conseguimos, deu o que faze*” (Neco, 2019)⁶.

O que o caiçara Neco quis dizer é que na primeira vez que o Rancho foi construído se deu no meio da praia do Perequê em frente algumas casas de veraneio, os proprietários dessas casas ficaram furiosos pela construção de algo que impediriam sua visão ao mar, então foram até a Prefeitura Municipal denunciar. Infelizmente os caiçaras não tinham licença na época para construção, por esse motivo a obra foi paralisada e a Prefeitura cedeu outro espaço, mais para o final da praia, para a construção do Rancho, neste espaço não havia casas de veraneio em frente ao mar, possuíam apenas terrenos baldios, como explica o caiçara-pescador:

Tudo começo pelo Prefeito Paulo Ramos, ele é Ubatubano, nós fomos conversar com ele e ele falou que ia ajudar nós, nós vamos construir um Rancho no Perequê, então nós começamos a construir. O prefeito nos doou bloco e era mais ali, onde tinha uma quadra ali, aí não sei quem foi, foi lá e dedou, porque tinha que tirar uma licença em São Paulo na União e ninguém sabia como fazer isso aí, aí foi paralisado, daí venceu o

⁵ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁶ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

cargo dele de Prefeito, daí entrou o Eduardo César, mas já estava o Rancho em andamento. Tinha um rapaz que era pescador e trabalhava na Colônia de Pesca, ele viajou para procurar saber o que era essa União, como fazia para poder conseguir o Rancho e ele conseguiu. Então no Mandato do Eduardo César, esse Rancho foi construído. Veio a União e legalizou isso daqui. Foi o primeiro Rancho em Ubatuba, legalizado pelo Governo (Neco, 2019⁷).

A construção do Rancho do Pescador se deu por uma solicitação do próprio setor pesqueiro na época pelo Sr. Joedis Texeira da Silva, Presidente da Colônia de Pesca Z10 de Ubatuba, junto a Secretária de Agricultura e Pesca do Municipal, Sra. Valéria Cress Gelli⁸ que buscou a parceria com a gerência da SPU - Secretaria do Patrimônio da União do Governo Federal, órgão que cuida da área marinha do Brasil.

para os pescadores ter a titulação desses Ranchos, eles precisavam estar com a documentação toda em ordem, quem organizou essa política primeiramente foi a Prefeitura que regulamentou junto a SPU - Secretaria Patrimônio da União (órgão que ordena o espaço da marinha), que é um órgão federal, a Colônia deu apoio no sentido de levantar a regulamentação dos pescadores para ver se eles tinham direito sobre o pleito do Rancho de Pesca (Maurici Romeu⁹, 2019).

A concessão do Rancho foi feita aos oito pescadores profissionais que viviam no bairro, por um período de 99 anos, renováveis, regulamentado com titulação nominal. O Rancho dos Pescadores foi construído com dinheiro público, os pescadores não podem vender, não podem alugar, só podem passar como herança para os filhos.

Para obter o rancho tinha que ser pescador profissional, tive que provar que eu era pescador profissional e dependia do Rancho [...] É hereditário e passa de pai para filho, não pode vender[...] Ninguém pagou nada por isso aqui. E não paga até hoje. Não pagamos impostos, não pagamos luz, porque a Prefeitura que colocou há um ano a luz aqui[...] Foi sorteio para adquirir o box [...] São 8 box, o Rancho todo possui em média 7 metros de largura, 16 metros de comprimentos, cada box tem de 2 a 2,20 (1,80 ou 1,90m2) metros, mais ou menos (Deco, 2019¹⁰).

⁷ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁸ Sra. Valéria Cress Gelli Secretária de Agricultura e Pesca do Município de Ubatuba, na gestão do Prefeito Eduardo César (2005-2008, 2009-2012), entrevista cedida em 8 de janeiro de 2020.

⁹ Maurici Romeu da Silva, Presidente da Colônia dos Pescadores Z10 Ubatuba, entrevista concedida em 21 de junho de 2019.

¹⁰ Caiçara-pescador Manoel Nunes (Deco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 7 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

No Rancho também não podem dar outro uso para o espaço, diferente da pesca, é proibido, podendo perder inclusive o direito ao espaço. A Colônia dos Pescadores não tem influência nenhuma no Rancho dos Pescadores do Perequê Açú, assim como em nenhum outro Rancho de Pesca do município.

O Rancho de Pesca foi uma conquista para esses caiçara-pescadores. Este espaço territorial representa uma segurança para guardar o material de pesca. A rotina do Rancho é sempre igual como explica o caiçara Zé Tadeu (2019) “pega, busca, guarda, põe rede, põe canoa, tira-entra, sai-volta, guarda o peixe, vende o peixe, essa é a rotina”. Já para o caiçara Neco (2019) explica que é “*sempre a mesma rotina, se você tiver peixe o produto, você tá vendendo todo dia, todo dia se vende. Vende pra freguês, o morador e turistas, quiosques, pro Mercado de Peixe, não ficamos só aqui*”.

Depois de toda luta e conflito surgiu então o primeiro Rancho de Pesca regularizado no Brasil, inaugurado em 21 de novembro de 2007¹¹, um espaço garantido para os caiçaras-pescadores exercerem suas práticas com mais segurança e com o intuito também de ser um atrativo turístico, onde as pessoas poderiam conhecer a tradição da pesca artesanal e da cultura caiçara.

E quando se perguntou aos caiçaras “o que o Rancho representa para eles”, tivemos as seguintes respostas, para o caiçara Wladimir¹² (2019) representa a minha vida profissional. Para o José Tadeu (2019) “lugar de guardar os apetrechos de pesca e o lugar de vender”. E para o caiçara-pescador Neco (2019):

Representa muita coisa: Abrigo, proteção, segurança, pois posso dormir no Rancho. Uma ajuda a não ter que levar os petrechos e peixes para a sua casa, transtorno, com o produto aqui trouxe bastante benefício pra nois, porque agora não tenho que deixar as coisas para o lado de fora, como a rede e ter perigo de alguém roubar, como a rede é de plástico, com sol e chuva perco ele, já tive uma canoa quebrada quando não tinha o Rancho Posso dormir aqui no Rancho, tem telhado (Neco, 2019¹³).

A percepção que temos de uma paisagem nem sempre representa a sua realidade profunda. Quando observamos temos limitações ao analisarmos sua funcionalidade e por isso

¹¹ Dados da inauguração dia 21 de novembro de 2007, segundo Sra. Valéria Cress Gelli Secretária de Agricultura e Pesca do Município de Ubatuba,

¹² Caiçara-pescador Wladimir da Silva, entrevista concedida em 11 de julho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 5 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

¹³ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

fazemos análises críticas, porque nem sempre a realidade visível esclarece de fato “o que” acontece ou aconteceu nesse espaço (Claval, 2004).

Na praia do Perequê Açú “a paisagem verdadeira nem sempre é entregue ao observador diretamente, a face visível é amoldada pela ideologia”, como explica Milton Santos (2009, pg. 35). Pois sempre “é necessário reconhecer a paisagem enquanto convivência, explorando seus fios cruzados e trocas recíprocas” (Claval, 2004, p. 49). Houve muita luta e briga para conseguir o direito de um local de trabalho digno, respeitado e protegido, o Rancho representa o seu “tudo”, a sua “vida”, o seu território para esses caiçaras-pescadores, as pessoas que passam em frente não têm a noção de quanto suor e lágrimas foram desperdiçados para conseguir um lugar digno para trabalhar e sobreviver

3.2 Turismo de Veraneio

As férias escolares são o momento de viajar com a família, entretanto há um deslocamento de grande número de pessoas, se concentrando muitas vezes em um único espaço/tempo.

o grande problema do turismo massivo na contemporaneidade consiste em transportar essa massa, alojá-la e despertar seu desejo pelo consumo (Bouyer, 2003).

Como algumas cidades brasileiras, principalmente as pequenas, não possuem uma infraestrutura hoteleira condizente ao número de pessoas que viajam e também, por que o brasileiro gosta de compartilhar espaços em conjunto com toda a família e amigos para fazerem churrasco, festas e terem muita diversão em conjunto, as casas de temporada, surgiram como uma opção de meio de hospedagem que possa satisfazer todos esses desejos.

Segunda residência, casa de temporada, casa de praia, turismo residencial ou turismo de veraneio são termos igualmente aplicadas às propriedades particulares utilizadas nos períodos de “tempo livre”, por pessoas que residem em outra localidade (Tulik, 2001, p.6). É uma modalidade de turismo que está vinculada a uma forma de hospedagem, mas que está acoplado ao setor de construção civil e logicamente ao mercado imobiliário (Abrahão & Tomazzoni, 2018). Essas casas podem ser alugadas ou arrendadas por pessoas (famílias ou amigos) que queiram utilizá-las com o propósito de lazer e recreação, no seu tempo livre.

Para Raimundo (2019, p.45-46) o turismo de residências secundárias ou veraneio é um fenômeno que pode ser entendido “como uma fuga do cotidiano estressante e um retorno à natureza”, o homem moderno do século XX e XIX busca por alternativas para retomar seu

equilíbrio emocional e nada melhor que ir ao litoral buscar essa ligação mais intensa com a natureza. Para este turista de segunda residência a procura por casas de temporadas mais simples e rústicas é o foco principal, pois o importante é a valorização do seu tempo livre e da renovação das energias para aguentar a semana laboral na vida caótica da cidade grande, para ele o importante é “ser” e não “ter”.

A aquisição de uma segunda residência traz uma facilidade ao homem moderno, o de usufruí-la a qualquer momento, seja por período prolongado (feriados e férias) ou curto (final de semana), sem precisar fazer reserva e esperar uma vaga em qualquer meio de hospedagem e pode-se aproveitar este imóvel no verão todo, desde o seu início até seu término.

Os gastos que o turista/proprietário possui sobre esse tipo de estabelecimento “casa de veraneio” são relativos à sua permanência (comida e bebida), mas também terão alguns gastos mensais obrigatórios, o que não torna muito atrativo como: IPTU¹⁴, água, luz, faxineira, jardineiro e manutenção em geral da residência.

Para Tulik (2001, p.11) “ter uma residência secundária significa possuir disponibilidade financeira, até mesmo para chegar ao destino, pois implica na maioria das vezes, a posse de um veículo ou, com menor frequência, a utilização de transporte coletivo”. Além disso, apesar dos turistas de segunda residência não morarem permanentemente na localidade (cidade turística) estabelecem vínculo territorial e até mesmo psicossocial com o município que visitam regularmente (Tulik, 2001).

Desde 1960 há aumento da procura pelas segundas residências, o motivo se deve às facilidades de acesso. No litoral paulista esse fenômeno se intensificou pelas construções de estradas ligando a capital à costa (Raimundo, 2019). A facilidade de deslocamento é um fator importante para o turismo e lazer. O fluxo turístico desenfreado praticado pela segunda residência pode impactar na localidade.

A expansão de investimentos no segmento turístico “segunda residência” tem sido grande, principalmente em Ubatuba, litoral norte paulista. O setor imobiliário acelera a economia de qualquer cidade turística e Ubatuba vive dessa economia.

Para Raimundo (2019, p.48) “a velocidade de transformação dos destinos turísticos foi grande e, em alguns anos, regiões como a orla marítima desfiguraram-se, apresentando severas modificações nos ambientes naturais e nas formas de organização da sociedade local”. A praia do Perequê Açu possui 63,1% de domicílios não ocupados segundo pesquisa da Unidade de Saúde UBS de Perequê Açu, iniciada em 2016 e concluída em 2019, ou seja, essa

¹⁴ IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano – é um imposto municipal, regulado por lei ordinária e especificada para cada município, previsto na constituição federal.

porcentagem corresponde às casas de veraneio, entretanto ainda possui poucos condomínios verticalizados. A orla da praia ainda preserva casas e comércio e os poucos prédios que possuem, tem apenas três andares.

O turismo de segunda residência na praia do Perequê após a temporada de visitação deixa no bairro várias casas vazias e desabitadas, para os moradores do bairro é positivo no aspecto de tranquilidade, entretanto existem ruas que ficam muito solitárias deixando uma insegurança no ar.

Na alta temporada o bairro é um dos mais procurados para locação de casas de segunda residência, como a praia fica próxima do centro da cidade apenas 1,5 quilômetro e a praia é excelente para banho com mar tranquilo, muitas famílias com crianças preferem ficar nesse bairro, além disso, o valor do aluguel é mais baixo e acessível que em outras praias do município.

Ubatuba ainda possui algumas comunidades caiçaras que estão estabelecidas ao longo de todo o seu litoral. Muitos desses caiçaras ainda preservam algumas de suas raízes e culturas, vivem e tiram seu sustento nas praias, tendo a pesca como meio de sobrevivência. Trabalham com o turismo de forma direta, outros de forma indireta, alguns caiçaras possuem boa relação com o turista, outros nem tanto, entretanto o turismo de veraneio está presente em suas vidas e vem modificando a rotina e costumes dos grupos caiçaras que vivem e pescam na praia do Perequê Açú.

O Perequê Açú é um bairro que começou a sua ocupação espacial (loteamentos) na década de 1950, somente com casas de alguns pescadores. Entretanto, era a praia mais procurada pelos turistas para se banharem, desde a década de 1940.

No começo, década de 1940, apenas o canto direito (sul) da praia do Perequê, que está próximo à cidade, era utilizado para banho, do meio para o norte da praia havia uma intensa mata e os turistas não se aventuravam em ultrapassá-la, segundo Sra. Cecília Bergamine¹⁵ (2019), “naquela época não existia a praia inteira, do Hotel Jangadeiro tinha apenas uns 300 metros para frente, antes do corpo de bombeiros (antigo Camping Ubatuba), depois disso era praia, mas com mato, não tinha areia, não tinha rua, não havia nada”.

O bairro tornou-se bastante aprazível, muito procurado naquela época pelos residentes da área central da cidade e por turistas, era o “point” do momento. Logo surgiram os

¹⁵ Cecília Bergamine filha da Sra. Renata Bergamine, proprietária do Hotel Jangadeiro na praia do Perequê Açú, em Ubatuba, entrevista cedida em 13 de julho de 2019.

Ranchos¹⁶ de praia para atender aos turistas que gozavam do lazer em meio àquela exuberante natureza.

Atualmente o bairro tem retomado a sua vocação de um recanto muito aprasível e turístico da cidade de Ubatuba, procurado por novos residentes e por turistas de veraneio.

Na praia do Perequê Açú na década de 1950 existiam alguns imigrantes poloneses, o Sr. Polóquio (apelido) era um deles, ele possuía uma chácara de búfalos, próximo ao campo de futebol do bairro (atualmente é o Estádio Municipal Ciccillo Matarazzo), alguns moradores se arriscavam a ultrapassar essa chácara para cortar caminho. Esses imigrantes ajudaram a formar o bairro do Perequê Açú.

Assim como o Sr. Polóquio outras famílias polonesas viviam no bairro e em homenagem a esses imigrantes a gestão pública nomeou um dos loteamentos de “Jardim Cracóvia”, que segundo o Prefeito Celso Teixeira Leite¹⁷, provavelmente foi fundado no ano de 1952, suas ruas levam nome dos ilustres moradores. Há relato no livro da Sra. Idalina Graça “Terra Tamoia” sobre uma caiçara que foi ser caseira para uma família polonesa “Joana deixara de trabalhar por dia e foi servir de caseira na casa de um nobre polonês, na praia do Perequê-Açú” (Graça, 1967, p.163), comprovando assim a presença dos imigrantes poloneses entre as décadas de 1950 e 1960.

A maioria das ruas no Perequê Açú ainda é de terra, principalmente as ruas de moradores fixos. Quando chove elas ficam todas esburacadas, somente as vias principais possuem calçamento feito por “bloquetes”¹⁸ ou estão asfaltadas, entretanto o asfalto também tem muitos buracos, pois a prefeitura não faz a manutenção regularmente. Essa é uma das grandes reclamações dos veranistas¹⁹, os buracos nas ruas do Perequê.

Segundo a Prefeitura o bairro possui fossa séptica em alguns loteamentos. O Perequê também possui uma estação de bombeamento de esgoto que é jogado para a estação de tratamento na Praia Grande. Esse foi outro fator de reclamação dos veranistas entrevistados, o esgoto do bairro em alguns lugares há cheiro forte, em outros reclamam que não há

¹⁶ Ranchos – antigos bares de praia. No final da década de 1950 surgem os Ranchos do Galo e da Sereia na praia do Perequê Açú.

¹⁷ Prefeito Celso Teixeira Leite - durante a gestão de 1971-1973 e também morador do bairro do Perequê Açú, entrevista concedida em 21 de junho de 2019. Foi à primeira entrevista para esta pesquisa. O Sr. Celso me e a sua esposa Sra. Ivete Fernandes Teixeira Leite, esse casal deram contribuições valiosas para este estudo.

¹⁸ O bloquete é uma peça modular fabricada a partir de concreto e água, colocadas justapostas formando um travamento, seu resultado é um calçamento eficiente e organizado. Informação disponível em: <http://www.lajesitaim.com.br/bloquete-cimento-calcada>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

¹⁹ Entrevista feita com os turistas (veranistas) na praia do Perequê Açú. Essas entrevistas foram feitas para um universo de 50 turistas nos feriados do ano de 2019 e no verão 2019/2020.

tratamento do esgoto. Para a gestão pública o bairro tem boa estação de fornecimento de água e energia elétrica, mas os veranistas entrevistados reclamam da iluminação precária nas ruas, acham o bairro muito escuro e outros ainda reclamam que no verão, principalmente no ano novo e carnaval falta água nas casas.

Conforme o cadastramento territorial da Unidade de Saúde UBS de Perequê Açu, iniciada em 2016 e concluída em 2019, a população do bairro é de 4.178 pessoas, havendo 2.207 domicílios particulares permanentes, a proporção de domicílios ocupados é 36.9% e a proporção de domicílios não ocupados são de 63.1% - as residências secundárias. Esses dados nos mostram claramente que existem muitas casas de veraneio no bairro e a figura 16 nos revela como está o Perequê Açu atualmente, sua transformação espacial equiparada com a década de 1952 mostrada na figura 19. O bairro Perequê Açu tem sua importância ligada ao turismo de veraneio da cidade.

Quando se perguntou em entrevista aos veranistas “o que o Perequê representa para eles”, as respostas mais frequentes foram “um lugar a ser explorado”; “tranquilidade e paz”; “saudade por essa terra maravilhosa”, “amo essa praia”, “mar calmo ideal para família”. Essas respostas mostram o quanto o bairro é estimado pelos turistas. Atualmente o bairro apresenta uma transformação na área de construção civil, com a construção de condomínios de prédios e outros que estão em construção. O perfil do público que está vindo morar e ter casa de temporada no Perequê tem mudado, está atraindo turistas de classe média e média alta, sendo famílias com crianças pequenas entre 2 a 10 anos, por esse motivo a praia do Perequê construiu um parquinho infantil (figura 20) feito de madeira (ecológico) para essa nova geração que estão começando a frequentar o Perequê Açu. Entretanto este parquinho está necessitando de uma reforma urgente.

Nas entrevistas aos turistas também foi perguntado “por que eles escolheram o Perequê Açu para ter sua casa de veraneio”, a grande maioria respondeu “por ser um bairro tranquilo”, “por ter relação com os avós que tinham casa no bairro e já frequentavam, por isso gostam do bairro”, “por estar próximo do centro da cidade na praia maravilhosa e calma”. Quando se perguntou “há quanto tempo tem casa de veraneio no bairro”, as respostas ficaram entre 20 a 40 anos e poucas pessoas responderam entre 1 a 5 anos, o que se nota que a grande maioria dos veranistas já conhece e frequenta a praia há muito tempo.

Novos valores e crenças sobre paisagens rurais têm incentivado o turismo residencial. Com isso, a “tradição” desempenha um forte papel, com memórias de infância em tempos usufruídos com a família em segundas residências. Tal situação motiva as pessoas a comprar uma propriedade fora das cidades; muitas vezes em cidades, mas

em áreas urbanas litorâneas. No nível individual, segundas residências podem ser consideradas símbolos de identidade e pertencimento, representados pela conexão da família e das crianças com os lugares. Esse aspecto torna-se mais complexo, pois as segundas residências raramente são vendidas, mas, em vez disso, passam através das gerações gerando “razões ocultas” para as pessoas adquirirem uma residência secundária (Raimundo, 2019, p 45).

A ideia de ruralidade é um fator que tem atraído muitos turistas, as pessoas estão buscando o contato maior com a natureza para terem um estilo de vida mais simples e mais rústico.

Conforme o Bairro foi recebendo mais turistas ao longo dos anos houve uma melhoria quanto à infraestrutura, atualmente encontram-se vários comércios como padaria, mercado, sorveteria, farmácia, açougue, posto de gasolina, igrejas de diversas religiões, mecânica de automóvel, lojas de roupas e acessórios, garagem náutica, entre outras).

Quanto à infraestrutura turística Perequê conta atualmente com um Terminal Municipal Turístico, escola de samba, restaurantes, bares, pousadas, hostel, além de varias casas de segunda residência para serem locadas durante a temporada. Quando se perguntou nas entrevistas feitas aos veranistas “quais as mudanças que o bairro teve com o advento do turismo?”, a grande maioria respondeu que houve o aumento do comércio e melhoria na infraestrutura.

Atualmente a orla marítima conta com 15 quiosques de praia, uma banca de jornal, quadra de futebol e vôlei, parquinho infantil, alguns carrinhos (de sorvete, de açaí, de cachorro quente, de pastel, de roupas e acessórios), além de ambulantes vendendo dos mais variados produtos (óculos, queijo coalho, bijuterias, entre outros). Na praia também existe um Rancho de Pescadores, onde se encontra o grupo de pescadores-caiçaras que vivem profissionalmente da pesca. Segundo o dicionário Tupi Guarani (2008), o nome Perequê Açú significa pira – iquê “peixe que entra” e Açú que ignifica “grande, considerável, comprido, longo”, através da junção dos termos se obtém “grande entrada de peixe”. Pela toponímia, presumem-se os motivos da instalação desses ranchos de pesca caiçara na praia. Havia no passado abundância de peixes, hoje em dia o pescador depende de sorte e da maré.

3.3 A cultura caiçara

O caiçara grupo de pessoas que vivem no litoral possui sua própria cultura, diferenciada em seus mais diversos aspectos.

Nos primeiros tempos da colonização houve a miscigenação do português com o índio, depois durante o século XIX, com o movimento de liberação dos escravos, acabaram estes se isolando em algumas praias ou sertão do litoral paulista, esta miscigenação e convivência com culturas distintas é o começo da formação das futuras comunidades caiçaras (Adams, 2000a).

Existem elementos culturais e sociais comuns em todas as comunidades caiçaras que vivem no litoral, não importa o Estado, segundo Mussolini (1980).

Esta identidade se explica, em grande parte, pelas mesmas influências que contribuíram para sedimentar as primitivas bases culturais da vida litorânea, nossa primeira área de povoamento e por muito tempo quase que a única (Mussolini, 1980, p.219).

É possível notar no modo de vida do caiçara as influências indígena, africana e europeia, a maneira como viviam da agricultura de subsistência, do conhecimento com as plantas, do entendimento das marés e da lua, da técnica de construção das canoas e das técnicas utilizadas para caçar, revelam que o caiçara possui um elo muito forte com a natureza e este conhecimento do meio em que vivem (herança das etnias) são os elementos que compõem a sua origem, conforme mostra a figura 28 a seguir.

O termo “caiçara” tem origem tupi-guarani *caá-içara* utilizada, segundo Sampaio (1928) para o cercado, a trincheira, o tapume. Já para Adams (2000a), este termo era utilizado para:

as palhoças construídas para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores. Mais tarde passou a ser utilizado para identificar o morador [...] do litoral do estado do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (Adams, 2000a, p.03).

Para o Museu do Caiçara em Ubatuba, a palavra caiçara tem origem da linguagem indígena (Tupi) e representa a pesca com vara de bambu e taquaras. “Como o índio nomeava as regiões, lugares, nomes próprios... sempre se referindo a natureza; a nossa região [Ubatuba] para os índios era considerado como caiçara, só que cercados ou fechados pela Serra do Mar” (Museu do caiçara²⁰, 2019).

A cultura caiçara, segundo Silva (1993) e Setti (1985) se baseiam numa subcultura da cultura caipira, pelo simples fato de analisarem seu modo de vida, como sendo algo específico, vive de modo simples, cultivam uma agricultura de subsistência, tem um modo

²⁰ Definição retirada no próprio Museu Caiçara que está localizado dentro da base do “Projeto Tamar/IBAMA” em Ubatuba.

específico de falar, igual aos caipiras do interior. O caiçara, por possuir uma baixa ou inerente introdução de capital em suas atividades, sua dependência e relação com a natureza é intensa. Ele extrai dela, natureza, sua sobrevivência e tenta preservá-la para o usufruto de suas gerações futuras. A roça caiçara não era primitiva conforme Mussolini (1980) descreve, nela havia uma tecnologia apropriada com formas de cultivo autossustentável.

Alguns autores, segundo Adams (2000a) acreditam que todo caiçara é um caipira do litoral, outros discordam de tal afirmação acreditando que tanto o caiçara como o caipira possuem vidas distintas, mas observando a estrutura da casa de um caiçara, percebe-se que ali havia a mesma característica de uma casa do caipira (morador do interior), “paredes de pau a pique, telhado de sapê de duas águas, algumas vezes caída. O chão de terra batida e os móveis escassos” (Adams, 2000a, p.108).

O Caiçara tradicional de Ubatuba e da paia do Perequê Açu possuía casas com essas mesmas características dos autores referidos no parágrafo acima. Percebe-se traços caipiras no morador de Ubatuba, como expresso, tanto no trejeito da oratória, como no andar, no se vestir, no se alimentar, no habitar, isso mostra que a semelhança com o caipira está em todos os detalhes, possui um estilo de vida e uma cultura que lhe são característicos de um caipira. Silva (1993, p.13) concorda que “a cultura caiçara faz parte da cultura caipira”, porque há inúmeros elementos que os definem.

Os habitantes desde Ubatuba até o litoral sul do Estado de São Paulo são “caiçaras e praianos”, segundo Schimidt (1947), são pessoas que possuem uma vida simples, são desprendidos de riquezas e de bens materiais, usufrui apenas o que a natureza lhe proporciona “hoje”, sem se importar com o amanhã, com o futuro (Branco & Caseiro, 2005) e até presentemente, os caiçaras da praia do Perequê Açu em características similares às destacadas pelos autores, ou seja, são desprendidos de riquezas e bens materiais. O homem de Ubatuba se percebe caiçara quando:

na medida em que admite ser essa a expressão usada para designá-lo. Entretanto, não se auto define como tal [...]. Ele se autodenomina *ubatubano*, *praiano* ou *barriga-verde*, justificado o uso dessa última expressão pelo fato de se incluir em sua dieta alimentar abundante consumo de banana verde com peixe e farinha de mandioca: o famoso “azul marinho” (Setti, 1985, p.15).

Para Branco e Caseiro (2005, p.21) muitos herdeiros “frequentemente, recusam o termo “caiçara” por pejorativo”, porque era comum nos dicionários brasileiros encontrar a definição de “vagabundo, malandro, pessoa bronca ou estúpida”, se observa claramente que a

falta de pesquisa sobre a cultura caiçara, fez com que os próprios herdeiros renegassem e tivessem vergonha de ser Caiçara.

Aparentemente isso mudou, há um orgulho de ser caiçara, principalmente na praia do Perequê Açú, em Ubatuba, quando questionados “o que é ser caiçara?” aos caiçaras-pescadores, suas respostas foram as seguintes: para o Sr. Leopoldo de Souza (2019)²¹, é “orgulho”; para Sr. Neco (2019)²² é “Morar na beira da praia, na verdade o caiçara é morador de beira de praia, é a comida típica do mar, produto pra ele é o Azul Marinho, é pirão, são comida típica do pescador caiçara”. Para o Sr. Deco²³, “é uma honra e uma felicidade muito grande, porque sinto feliz por ser o caiçara da terra, daqui onde nasceu fico feliz por tudo que Deus me deu nessa parte da vida”; Já para Wladimir (2019)²⁴ é “manter os costumes, fazer uma rede, pescar, manter a tradição da minha família”; E para Zé Tadeu:

é ser feliz, não posso falar muito senão eu choro. Criei meus filhos todos aqui, meus filhos são todos muito educados, ter filhos assim faz toda a diferença; tem uma lá nos Estados Unidos trabalhando, faz 2 anos, tenho dois meninos que são Marinheiros, tenho outra filha que tem um comércio na cidade, são todas pessoas do bem, tudo isso porque eu sou Caiçara (José Tadeu de Jesus, 2019)²⁵;

Hoje o que vemos são caiçaras mais fortalecidos com sua origem, sem vergonha ou acanhamento de falar de suas raízes, são homens que nasceram e sempre ocuparam a faixa costeira do litoral do estado do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

A formação e o fortalecimento das comunidades caiçaras no litoral sul e sudeste do país, segundo Diegues (1983), Mourão (1971) e Adams (2000b), se devem nos intervalos dos ciclos econômicos vividos no período colonial. As terras eram férteis, úmidas e próximas ao mar, e a localização ajudava o escoamento das mercadorias (exportações).

Esses ciclos também estão inseridos na história de Ubatuba e os principais produtos plantados foram à cana de açúcar e o café como relata Droguett e Fonseca (2005, p.12-16) “em 1760 florescia a economia açucareira com a presença de cerca de vinte engenhos [...] os

²¹ Caiçara-pescador Leopoldo de Souza (Pai do Zé Tadeu), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

²² Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

²³ Caiçara-pescador Manoel Nunes (Deco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 7 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

²⁴ Caiçara-pescador Wladimir da Silva, entrevista concedida em 11 de julho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 5 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

²⁵ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

derradeiros anos do século XVIII e a alvorada do século XIX correspondem às primeiras informações acerca do café em Ubatuba”.

O fator geográfico também teve um papel importante na criação dos grupos caiçara litorâneos, sua forma morfológica, a serra do Mar interceptando a linha de costa, ajudou as formas de ocupação do solo e da utilização dos recursos naturais. A proximidade com a mata e o mar favoreceu a subsistência do grupo e a estruturação de sua identidade (Mussolini, 1980).

A cultura caiçara também “garante a manutenção e o uso sustentado dos ecossistemas, baseados principalmente no complexo conhecimento que estas populações possuem do meio em que vivem” (Adams, 2000a, p.235). Como utilizam técnicas tradicionais para lidar com a natureza, nota-se pouco impacto gerado ao meio ambiente, o sistema tradicional de manejo “revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e simbologias que levam á manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais” (Diegues, 1993, p.47).

Essa cultura caiçara, observada na praia do Perequê sempre trouxe em sua raiz a característica de um povo que mantém fortes relações com o meio ambiente, principalmente com a terra e o mar para atender, notadamente a sua necessidade de sobrevivência. O caiçara de antigamente (antes dos processos de urbanização e turistificação mais intensos)²⁶ trabalhava a terra e saía ao mar pescar para se alimentar e para alimentar o grupo doméstico que era composto por sua família nuclear e por outros que se agregam ao seu domicílio, segundo Marcílio (2006).

O caiçara da praia do Perequê Açú quase não utiliza mais de técnicas de agricultura²⁷ para fazer uma plantação de subsistência, entretanto ele vive até hoje da pesca artesanal, “deixando de ser uma atividade suplementar e converte-se na principal fonte de renda e produção de bens destinados à venda” (Adams, 2000a, p.126). E, a forma como o caiçara pesca seus peixes, na pesca artesanal, com sua canoa caiçara a remo, na praia do Perequê Açú, ainda revelam o respeito aos ciclos naturais, exploram dentro da capacidade de recuperação

²⁶ Para Knafou (1995: 70-71), a “turistificação” é um processo de transformação de um lugar, cuja atividade principal – sua função – passa a ser determinada pelas práticas turísticas. Para que isso ocorra é necessária numa mudança na estrutura, ou seja, nos interesse sobre o local e, segundo Knafou (1995), tal mudança se dá, com a presença de três atores sociais: os turistas, o mercado (agências, operadoras, companhias aéreas e rodoviárias, entre outras) e os planejadores territoriais (Raimundo, 2007, p.121).

²⁷ Há exceções em Ubatuba, como o bairro de Ubatumirim, no litoral norte do município. Ubatumirim consolida-se numa das localidades de vocação predominantemente agrícola de Ubatuba (Raimundo, 2007, p.133).

que as espécies necessitam, permitindo assim uma reprodução sustentável dos recursos naturais.

O caiçara-pescador de Ubatuba, no passado, década de 1960, era um pescador-agricultor, que segundo Maldonado (1986) eram camponeses que praticavam uma pesca simples, sem acesso a longa distância no mar e que também exploravam a terra. Via de regra esses pescadores-agricultores plantavam e pescavam para consumir e comercializar o excedente, sua pequena produção.

Atualmente em Ubatuba, vemos que o caiçara-pescador é um pescador artesanal, que segundo a Simone Maldonado (1986) se caracteriza:

pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo de produção [...] produzindo com grupos de trabalho formados por referenciais parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os mestres dos botes. Esse tipo de pescador tem na pesca a sua principal fonte de renda, e a produção volta-se para o mercado, sem perder, contudo, o seu carácter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como à comercialização (Maldonado, 1986, p.15).

O caiçara adere às novidades, como o uso de celular, de tecnologia, por outro lado, gosta de perpetuar seus modos tradicionais, principalmente na pesca artesanal (Setti, 1985). O que se pode observar no grupo caiçara no Rancho dos Pescadores, da praia do Perequê Açú, principalmente nos mais idosos é que em toda técnica, seja rudimentar ou sofisticada, sua transmissão é feita oralmente. Talvez sentem limitações para usarem as novas tecnologias devido a falta de capital agregado, mas agarrando-se a sua tradição, sentem-se protegidos e confortáveis.

Nos mais jovens a tecnologia chegou para facilitar a venda do seu pescado, o caiçara-pescador Wladimir do box 05 usa a maquininha de cartão de débito/crédito para facilitar as suas vendas e ajudar os seus clientes (veranistas), já que identificou que muitos turistas não traziam muito dinheiro para compras, somente cartão, conseguindo assim aumentar as suas vendas.

Os costumes tradicionais estão por todo o lado no grupo do caiçara-pescador, principalmente da praia do Perequê Açú, ao invés de consultar o aplicativo do celular para analisar o tempo, sempre olham a lua para saber como a maré estará, “as fases da lua definem como estará o tempo amanhã. O formato das nuvens também indica de onde o vento está soprando e se o mar estará bom para pescar”, informa Sr. Leopoldo de Souza²⁸.

²⁸ Sr. Leopoldo, caiçara-pescador da praia do Perequê Açú, Box 1, entrevista 10 de julho de 2019.

Ser pescador para esse grupo de caiçaras da praia do Perequê Açú significa tanto a profissão, como a sua vida, eles nasceram pescando e alguns já se aposentaram como pescador. É uma vida inteira dedicada à pescaria, uma paixão para muitos, conforme os relatos de alguns deles: para o Sr. Deco²⁹, “em primeiro lugar é a minha profissão, em segundo lugar é a minha paixão da minha vida que mais eu adoro”, para o Sr. Leopoldo³⁰, “minha profissão, o que eu vivo”, para Sr. Wladimir³¹, “gostar da natureza, profissão do incerto” e para o Sr. Neco³², “é um Dom de Deus, pra começo de conversa, você tem que respeitar o mar, ele é vivo, tem que ter conhecimento do mar e amar no que faz”.

A rotina na vida do caiçara-pescador se baseia em acordar cedo, lá pelas 4h00 da madrugada para sair a pescar, apesar de serem “descendentes dos arrojados navegantes lusitanos, como bons indígenas que também o são, preferem ficar mais perto da costa, da segurança da terra firme” (Branco & Caseiro, 2005, p.71), ou seja, em locais abrigados e não em mar aberto, com sua “canoa de voga”, ou “canoa caiçara”, ou ainda “canoa de um pau só”³³.

Segundo Branco e Caseiro (2005, p.74) as canoas de voga são “embarcações impelidas sobre as águas por força de remos, em ação cadenciada, comandada pela voga, timoneiro que, sentado à ré, mantêm o rumo e marca o ritmo da remada dos remadores”.

Era a canoa de voga que fazia o transporte de mercadorias entre Ubatuba e o Porto de Santos, era o único meio de ligação disponíveis entre os caiçaras e os grandes centros antes do advento das rodovias, e é considerada atualmente uma canoa típica do “caiçara ubatubense”. Também servia de “jornal-correio” da época, essas canoas eram responsáveis por trazerem as novidades que surgiam e também as informações importantes, como os decretos do Rei.

O que trazemos na memória é o sentido poético, de uma herança que ouvimos falar, na realidade a técnica de construção continua quase a mesma, o que muda, são as dimensões das canoas, pois as atuais são menores, como será discutido a seguir e as mudanças também ocorrem em suas funções. hoje ela é usada quase que exclusivamente para pesca, antigamente,

²⁹ Caiçara-pescador Manoel Nunes (Deco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 7 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

³⁰ Caiçara-pescador Leopoldo de Souza (Pai do Zé Tadeu), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

³¹ Caiçara-pescador Wladimir da Silva, entrevista concedida em 11 de julho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 5 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

³² Caiçara-pescador Manoel dos Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

³³ *Canoa de um pau só*: possui esse nome porque são escavadas em um só tronco de árvore, no dizer do caiçara (Denadai, 2008).

antes do advento das rodovias, além da pesca servia para a mobilidade das pessoas, transporte de mercadoria e como “jornal-correio”.

Os pescadores atuais, em sua maioria, não são eles que fazem sua própria canoa, segundo relato do mesmo pescador Neco³⁴, “na verdade em Ubatuba tem muitos caiçaras que fazem canoas, mas não pescam, são filhos de caiçara-pescador, trabalham com madeira, geralmente com artesanato, são eles que fazem essas canoas, descem a madeira da mata e fazem a Canoa Caiçara”. Os pescadores do Rancho no Perequê Açu, nenhum deles faz sua própria canoa, alguns pescadores compram desses artesões ou compram de outro pescador que adquiriu desses confeccionadores, ou ainda, utilizam canoa de fibra, comprada na loja de artigo de pesca do município.

A canoa de fibra quando tem alguma avaria, ela pode ser concertada no próprio mar, sem necessidade de ficar um dia parado para o concerto, como ocorre com as canoas de madeira, por isso alguns caiçaras preferem as canos de fibra.

A canoa sempre teve uma simbologia importante para toda família caiçara e ela representava e ainda representa a sua sobrevivência. A mobilidade do caiçara era feita por canoa, era o único transporte que possuía para ir a cidade vender seus peixes ou os produtos da sua lavoura, já que ele não possuía nenhum animal de carga; também era utilizado para lançar as redes ao mar e pescar com anzóis; também utilizada para visitar a família; ir para a igreja ou transportar doentes. Era seu instrumento de trabalho e também de lazer (Setti, 1985).

Atualmente para o caiçara-pescador da praia do Perequê a canoa é apenas uma embarcação para pescar, onde retira o sustento do seu lar, ele não necessita mais da canoa para se locomover como antigamente, hoje possuem bicicleta ou veículo automotivo. Entretanto a canoa ainda continua como sendo um símbolo importante para a vida do caiçara do Perequê Açu, pois representa toda uma história e sua cultura, tanto que quase todos os caiçaras-pescadores do Rancho de Pesca do Perequê utilizam a canoa caiçara com o remo para pescar.

Com o meu barquinho (canoa) pesco corvina, robalo, espada; saio para pescar as 4h30, 5h00, 5h30 da manhã, volto lá pelas 10h00. Por que tem que sair para pescar com o tempo bom também né, no remo, não temo muita velocidade do motô, né, a gente vai mais devagar, né (Deco³⁵, 2019).

³⁴ Manoel do Santos (Neco), caiçara-pescador do box 4, do Rancho do Pescador, na praia do Perequê Açu, entrevista concedida no dia 20 de junho de 2019.

³⁵ Deco, caiçara-pescador do Rancho do Pescador, box 7. Entrevista concedida na praia do Perequê Açu em 20 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

A canoa caiçara é tão importante para Ubatuba que até os dias atuais existe um campeonato chamado de “Circuito de Corrida Canoa Caiçara”, acontece todo ano, o que reforça essa herança cultural da canoa nos caiçaras de Ubatuba.

Em 1930 o barco a motor aparece de origem japonesa, mas somente entre a década de 1940 e 1950, o caiçara incorporou o motor a diesel em suas canoas, promovendo:

uma mudança no modo de vida caiçara, inclusive na importância da roça para sua subsistência. Em alguns casos, o caiçara passou a dedicar um tempo maior às atividades da pesca, em outros houve um abandono completo das atividades agrícolas (Adams, 2000b, p.132).

O barco a motor trouxe ao caiçara, segundo Adams (2000b), um “manejo de pesca sofisticada”, para Mourão (1971) foi a partir da introdução do motor que caracteriza uma emergência na tecnologia da pesca entre o grupo caiçara, o domínio da tecnologia e da possibilidade de pescar mais peixe, é que abre os olhos do caiçara para essa profissão.

O caiçara pescador com seu barco a motor conseguiu desbravar melhor o mar atrás dos cardumes, pescando cada vez mais peixes, “muito mais do que a comunidade precisava” (Branco & Caseiro, 2005, p.72). No Rancho dos Pescadores, alguns caiçaras possuem habilitação náutica, mas apenas dois possuem barco a motor, pescam peixes maiores e principalmente pescam camarão. A pesca do camarão necessita barco a motor para ir mais mar adentro para pescar.

Sou marinheiro profissional há 14 anos, saio todo dia para pescar, pesco de barco a motor, camarão, corvina. Saio para pescar na baía da praia grande e do Perequê Açú. Pago o seguro do camarão, no período de defesa (José Tadeu³⁶).

O surgimento do barco a motor trouxe ao caiçara uma autonomia maior e uma melhora na economia familiar, pois com esse motor pode ir mar adentro e pescar mais variedade de peixes e pescados, mesmo tendo o barco a motor esses caiçaras possuem também a canoa caiçara a remo, ficam estacionadas em frente ao seu box, no Rancho dos Pescadores na praia do Perequê Açú. A realidade econômica do caiçara da praia do Perequê Açú está primordialmente baseada na pesca e, esta conseqüentemente associada ao turismo, pois ele necessita do turista para comprar os seus peixes.

A pesca marinha sempre teve uma grande importância econômica, social e até mesma ecológica. Segundo Diegues (2000) e Gasalla (2004) a pesca artesanal é responsável pela renda de

³⁶ José Tadeu, caiçara-pescador do Rancho do pescador, box 1. Entrevista concedida na praia do Perequê Açú em 10 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

inúmeros pescadores e também dos trabalhadores que estão relacionados ao setor pesqueiro. Como o caiçara do Perequê Açu vive da pesca então é preciso entender um pouco sobre este tema.

Conforme Diegues (2008) e Silvano (2008) a maior parte da pesca costeira no Brasil é de pequena escala, feitas pelas comunidades que dependem exclusivamente dos recursos marinhos, tanto como de subsistência, assim como fonte de renda, utilizam canoas a remo, que até hoje se perpetua, entretanto outros utilizam canoas motorizada, em suas atividades pesqueiras diárias.

Como a pesca artesanal é um tipo de pesca feita com embarcações de pequeno porte, sempre na proximidade da costa, através de técnicas mais tradicionais de pesca, utilizam equipamentos (apetrechos) que variam de acordo com a espécie que se pretende capturar. Tem uma característica bem peculiar, quando se tratando de mão-de-obra, pois utilizam a família e não é diferente com os caiçaras da praia do Perequê Açu. Esta pesca artesanal está disposta na Lei Nº 11.959, de 29 de junho de 2009³⁷, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, que regula as atividades pesqueiras. Para Maldonado (1986) os pescadores artesanais:

são todos os produtores marítimos que exerçam num contexto de artes menores, ou de pequenas escala, organizados ou não em cooperativas ou associações profissionais, trabalhando por conta própria, em termos de empresa familiar, e geralmente domiciliados nos núcleos onde ancoram suas embarcações (Maldonado, 1986, p.16).

No município de Ubatuba a pesca da tainha apresentava uma importante forma na organização social, o primeiro registro desta atividade econômica data de 1910 (Diegues, 1974). Entre outras características da pesca artesanal o pescador utiliza como forma de subsistência e também para o comércio do excedente.

Por volta de 1954 foi construído o Mercado de peixe em Ubatuba por causa do grande volume de pesca. Com o aumento da demanda turística em Ubatuba por volta de 1960 surgem as embarcações destinadas à captura de camarões e cações e em 1970 a pesca torna-se uma das principais atividades econômicas dessa cidade (Diegues, 1983).

A pesca era, e ainda é uma atividade exercida apenas pelos homens, segundo Adams (2000a) e Marcílio (2006), exceto na pesca da tainha, onde se fazia o arrasto na praia e as mulheres saíam para ajudar. As famílias caiçaras do bairro se juntavam para esse período de grande fartura na pesca, mostrando o sentido de união e cooperação, já que sempre ao redor

³⁷ A Lei Nº 11.959, de 29 de junho de 2009, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.959%2C%20DE%2029%20DE%20JUNHO%20DE%202009.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,1967%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias. Acesso em: 10 de out. 2019.

da rede havia uma integração social, constituindo um grupo local, como explica Mussolini (1980).

Como ele se dedica um tempo maior à pesca, as mulheres ficavam trabalhando na roça (Mussolini, 1980), entretanto no Rancho dos Pescadores, na praia do Perequê Açú é possível observar apenas uma mulher trabalhando entre os homens, esposa do José Tadeu, do box 1. Ela pesca e ajuda o marido em todos os afazeres no Rancho, como limpar peixe, vender o peixe, limpar e arrumar o Rancho. A representação da mulher como força de trabalho na pesca se torna um exemplo para outros Ranchos.

Os pescadores artesanais da praia do Perequê Açú vendem seus pescados diretamente aos consumidores (veranistas), alguns vendem também para os quiosques da mesma praia. Pescam em torno de 20 a 30 quilos diários (15 a 25 peixes em média), como não dispõem de geladeiras elétricas no Rancho para sua conservação, somente isopor com gelo, permanecem com o peixe no máximo dois dias, após esse período, caso não tenham vendido aos turistas ou aos quiosques, vão ofertar ao Mercado de Peixe, na Ilha dos Pescadores, próximo ao centro da cidade. O pescado em geral é vendido inteiro e *in natura*. Como a maioria possui apenas bicicleta como meio de transporte, não conseguem ofertar em outros pontos do município.

Na década de 1990 a atividade pesqueira em Ubatuba se centrava na pesca costeira de pequeno porte, com linhas de fundo e cercos flutuantes, havia também pequenas embarcações camaroeiras (Tiago, 1995; Vianna & Valentini, 2004). Em 1971 e 1972 existiam, segundo Diegues (1974, p. 32) “cerca de 10 pescadores na praia do Perequê Açú, pescando com barco sem motor e apenas 2 com barcos a motor”. Atualmente o Rancho de Pescado possui oficialmente 8 pescadores, sendo que cerca de 5 pescam com canoa sem motor, 1 pesca com canoa à motor e 2 pescam com barco grande motorizado.

A principal área de pesca artesanal em Ubatuba ocorre em ambiente marinho e os principais produtos pesqueiros, segundo o Instituto de Pesca de Ubatuba (2019) são a corvina (*Argyrosomus regius*), sororoca (*Scomberomorus brasiliensis*), camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) e o cação (*Carcarhinus spp*).

O caiçara-pescador do Rancho do Perequê que pesca de canoa a remo costuma pescar diariamente a corvina (*Argyrosomus regius*), a betera (*Menticirrhus spp*), o bagre (*Bagre marinus*), espada (*Trichiurus lepturus*), robalo (*Centropomus spp*), entre outros.

Os principais aparelhos de pesca mais utilizados na pesca artesanal em Ubatuba, segundo Diegues (1974, p. 39) eram “arrasto de praia, 74.2% pescavam com pequenos tresmalhos, redes para camarões e espinheis (geralmente para cações) e 20.0% eram

possuidores de cercos flutuantes”. Em 2009 segundo o Instituto de Pesca, era o arrasto duplo pequeno (30%), emalhe de superfície (25%) e emalhe de fundo (58%).

Atualmente, os pescadores do Perequê Açu fazem a maricultura, o cerco, espinhel e pesca de emalhe, pesca com linha que é regulamentada pela Instrução Normativa IBAMA³⁸ nº166 de 18/07/2007. As malhas de pesca que estão liberadas segundo o IBAMA, são de 7 a 14 mm.

A pesca com rede (rede de espera ou rede de espera de fundo), cuja técnica teve origem com o colonizador português e aprimorado pelos imigrantes de várias etnias que se fixaram no litoral brasileiro, são puxadas de forma que vão acompanhando a correnteza, geralmente em sentido paralelo à praia – onde os peixes ficam emalhados, ou seja, presos nas malhas, pela cabeça ou pelas guelras (Branco & Caseiro, 2005). Os caiçaras-pescadores utilizam redes de arrastão e as redes de cerco, quando embarcados no mar (Branco e Caseiro, 2005). Na pesca com rede de espera de fundo, os pescadores artesanais da praia do Perequê Açu, geralmente utilizam nas canoas a remo as malhas de 10 a 12cm entre nós, diz o caiçara-pescador Deco³⁹.

A pesca do cerco flutuante era outra técnica muito utilizada pelos pescadores, fixos a costões, surge em 1942 em Ubatuba, na praia do Flamengo, segundo Mussolini (1980), onde os proprietários, mesmo sendo de outros municípios, utilizavam a mão de obra local (Diegues, 1983).

Um dos primeiros a instalar o cerco no município, foi o português Jaime Peralta. Segundo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio (2019) cerco flutuante é:

a pesca do cerco consiste na utilização de uma grande rede utilizada para cercar os cardumes de peixes [...] um bote denominado de “panga” é baixado da embarcação, levando uma das pontas da rede, fazendo o cerco do cardume, formando uma bolsa onde os peixes ficam cercados [...]. Os cardumes podem ser capturados junto à superfície, à meia água ou próximo ao fundo (ICMBio⁴⁰, 2019).

³⁸ IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

³⁹ Deco, caiçara-pescador do Rancho do Pescador, box 7. Entrevista concedida na praia do Perequê Açu em 20 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

⁴⁰Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. Cerco flutuante. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/industrial/cerco/cerco.pdf. Acesso em: 27 de out. 2019.

Segundo Deco⁴¹, devem visitar este cerco, pelo menos duas vezes ao dia. “É uma armadilha cara, e foge às possibilidades da grande maioria dos pescadores caiçaras. Esse tipo de rede fica aproximadamente oito dias na água, após o que é retirada para o conserto e depois lançada à água outra vez” (Diegues, 1974, p.7).

Outro aparelho de pesca bastante utilizado pelos pescadores caiçaras é o “emalhe de superfície, de meia-água e fundo” que funciona de forma passiva, segundo o ICMBio⁴² (2019), “pois a captura ocorre pela retenção dos peixes na malha da rede de emalhe, também denominada de rede de espera. A rede é de forma retangular que se estende ao mar nos pontos de passagem de cardumes”. Segundo o ICMBio (2019) há três tipos de emalhe: de *fundo* e *meia-água*, onde a rede fica no fundo rodeada de boias; de *superfície*, onde a rede fica à deriva da embarcação.

A pesca com Linha e anzol, em canoas a remo, também é utilizada pelos caiçaras-pescadores da praia do Perequê Açú, usada para capturar peixes em diversas profundidades.

Existem várias questões que proíbem alguns tipos de pescarias, segundo Marcio dos Santos, Gestor APA Marinha Litoral Norte⁴³, como exemplo pesca de “emalhe boiado”, a rede de emalhe lançada na coluna d’água por meio de boias, pela Instrução Normativa IBAMA nº 166 de 18/07/2007, impede que seja feita dessa forma, como o art. 3º diz que a tralha superior da rede de emalhe de superfície deverá estar em profundidade mínima de dois metros da superfície, nessa Normativa pode-se compreender exatamente como deverá ser essa pesca de emalhe.

O Gerenciamento Costeiro (GERCO) proíbe nas baías do município de Ubatuba, no caso a baía do Perequê Açú e Itaguá o “arrasto motorizado”, embora seja feito por barcos de 7 a 12 metros, algumas canoas também praticam nessa zona.

O “Arrasto de praia” e o “picaré” (arrasto para praia) não são normatizados, ou seja, não são regulamentados, então são enquadrados como apetrecho de pesca proibido, como se estivesse executando a função de pescaria com apetrecho proibido. Arrastar o camarão fora da época de defeso e a sardinha, também está proibido, conforme o Calendário de Defeso do estado de São Paulo.

⁴¹ Deco, caiçara-pescador do Rancho do Pescador, box 7. Entrevista concedida na praia do Perequê Açú em 20 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

⁴² Pesca com Emalhe de Superfície, de Meia-Água e Fundo, segundo o ICMBio, disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/industrial/emalhe/emalhe_sup_fundo_meiaagua.pdf. Acesso em: 27 de out. de 2019.

⁴³ Marcio José dos Santos – Gestor da APA Marinha LN – Fundação Florestal – Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente SP, sede de Ubatuba, entrevista concedida em 16 de outubro de 2019.

Defeso, segundo a Fundação Florestal consiste na proibição ou na paralisação temporária da pesca para a preservação das espécies, com o intuito de proteger as espécies durante esse período de reprodução e também para garantir a manutenção da pesca de forma sustentável. Está garantido por Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, alterada pela Lei nº 13.134, de 14 de junho de 2015, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca.

Alguns pescadores da praia do Perequê Açu que possuem barco a motor e pescam camarão, como o caso dos pescadores do box 1 e 4, recebem o benefício do Seguro Desemprego do Pescador Artesanal, ou o chamado Seguro-Defeso, do Governo Federal, segundo o Ministério da Pesca e Agricultura⁴⁴ (MPA, 2015), o pescador recebe esse seguro em parcelas mensais, equivalente a um salário mínimo.

Esses caiçaras-pescadores exercem atividades de forma autônoma (individual) ou em regime de economia familiar, então, nenhum dos pescadores do Rancho do Perequê Açu participa de programas de governo, como o PRONAF⁴⁵, PROFROTA⁴⁶ e Bolsa família. Alguns ainda possuem o benefício da Previdência Social (aposentados).

A pesca é muito importante para o caiçara-pescador porque é através dela que tira o seu sustento e é onde ele tem o contato direto com o turismo, já que ele precisa dos veranistas para comercializar seus peixes e pescados. Entretanto, a pesca está ficando cada dia mais difícil na praia do Perequê Açu por causa das leis que regulamentam a pesca pelo Gerenciamento Costeiro (GERCO) e atualmente pelas regulamentações ambientais devido à área do Perequê-Açu estar inserida na Área de Proteção ambiental (APA) Marinha do Litoral Norte.

O que se torna importante à parte técnica da própria pescaria, é o fato de que ela desperta no turista e amante do esporte o interesse em participar diretamente com o caiçara

⁴⁴ Ministério da Pesca e Agricultura (MPA) – em seu site há toda a explicação de como conseguir receber o benefício do Defeso, conforme o site: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/aquicultura-e-pesca/pesca/periodo-defeso>. Acesso em: 20 de out. 2019.

⁴⁵ Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, este programa financia a implantação, ampliação ou modernização de estruturas de produção, beneficiando tanto a industrialização, como os serviços nos estabelecimentos rurais ou em áreas comunitárias rurais próximas; seu objetivo é a geração de renda e à melhoria do uso da mão de obra familiar. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf>. Acesso em: 20 de out. 2019.

⁴⁶ PROFROTA - Programa Nacional de Financiamento da Ampliação e Modernização da Frota Pesqueira Nacional, criado pela Lei 10.849, de 23 de março de 2004, tem por objetivo proporcionar a sustentabilidade da frota pesqueira costeira, promovendo o máximo de aproveitamento das capturas, aumentando a produção e melhorar a qualidade do pescado. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/fne-profrota>. Acesso em: 20 de out. 2019.

pescador, para conhecer suas técnicas de pesca artesanal. E muitos desses pescadores caiçaras acabam levando em seus barcos turistas interessados nessa prática, onde as explicações técnicas do uso do espinhel, das redes, dos anzóis, além dos tipos de peixes existentes ali nas encostas da praia do Perequê Açú, são transmitidas pelo pescador ao turista, que assim se integra na cultura caiçara, conforme relato do Sr. Neco⁴⁷.

A Colônia dos Pescadores Z10 é uma associação representativa dos pescadores, para critérios de documentação, benefícios sociais, principalmente na questão previdenciária, representa o pescador em fórum de debates de legislação pesqueira. Sua finalidade é auxílio e representação dos pescadores, ajuda também na orientação ao pescador sobre as legislações ambientais sobre a pesca.

A Colônia de Pescadores Z10 Ubatuba⁴⁸, segundo o Presidente Maurici Romeu⁴⁹, surge em 1939. As colônias no País foram fundadas em 1919 pela Marinha do Brasil, preocupada com a segurança do litoral no período de guerras mundiais, resolveu ordenar a vigilância tanto do litoral, como dos grandes rios brasileiros através dessas Colônias. E esses pescadores que eram associados serviam de apoio para a Marinha no defeso costeiro, ou seja, como os pescadores estavam sempre ao mar, ajudavam a patrulhar a costa e avisavam quando havia aproximação de algum navio estrangeiro.

O surgimento das “Zonas de Pesca” se deu pela combinação entre distância e número de pescadores que havia no local. Onde haviam aproximadamente 200 pescadores era criado uma “Colônia de Pesca”, nome inicial dessa associação. A Colônia de Pesca de Ubatuba tem a numeração 10, que é a numeração que foi dada pelo distanciamento e número de pescadores.

O Estatuto para a Colônia de Pesca foi elaborado em 1923, pela Marinha, segundo a CNPA⁵⁰ (2019), tinha como objetivo criar postos de saneamento rural, para cuidar da saúde dos pescadores, tomar medidas de apoio à pesca, desenvolver a piscicultura e combater a pesca predatória, entre outros.

⁴⁷ Neco, Sr. Manoel do Santos, Caiçara-pescador, proprietário do box 4, da praia do Perequê Açú, em Ubatuba. Entrevista concedida em 15 de julho de 2020.

⁴⁸ A Colônia de Pescadores está localizada a Rua dos Pescadores, 130, Centro (na Ilha dos Pescadores), Ubatuba, próximo à praia do Perequê Açú,

⁴⁹ Maurici Romeu da Silva, Presidente da Colônia dos Pescadores Z10 Ubatuba, entrevista concedida em 21 de junho de 2019. O senhor Maurici faleceu em 28 de Outubro de 2019.

⁵⁰ CNPA – Confederação Nacional dos Pescadores e Agricultores. Disponível em: <http://www.cnpa.org.br/conhecaCnpa.aspx>. Acessada em: 01 de out. 2019.

Atualmente a Colônia de Pescadores Z10 de Ubatuba presta serviços como renovação de carteirinha, renovação de licença, encaminhamento de primeiro registro, entrada com recurso, pleitos de benefícios Previdência Social (aposentadoria), seguro Defeso, seguro das embarcações, entre outros documentos. Possui também assessoria jurídica para questões trabalhistas para atender os Associados.

Para o caiçara-pescador do Rancho dos Pescadores da praia do Perequê Açú a Colônia de Pesca é compreendida da seguinte maneira:

no comecinho da Colônia, lá bem longe nos anos 1960, acho, tinha um homem chamado João Coutinho, era um dos Presidentes, Ele te ajudava a comprar a rede, a Colônia ajudava a comprar o motor, ajudava a pagar um monte de coisa, trazia dentista, trazia médico, mas hoje [...] não faz Nada vezes Nada. Esse R\$10,00 que pagamos todo mês para a Associação é para nada. Tudo que vai fazer lá você paga. Que benefício eu tenho nenhum, o que a Colônia faz de bom, nada. O que ela te empresta nada (Zé Tadeu, 2019⁵¹).

Existem três tipos de filiados: o sócio efetivo (pescador na ativa), o sócio remido (pescador aposentado) e o sócio colaborador (qualquer pessoa da sociedade que queira apoiar a colônia e queira colaborar, não tem direito de compor a Diretoria ou qualquer outro benefício de um pescador), como relata o Presidente da Colônia Sr. Maurici Romeu da Silva. O Sócio efetivo paga mensalidade de R\$10,00 mensal, R\$120,00 por ano, o sócio remido não paga anuidade, somente a taxa de serviço, no valor de R\$ 25,00. Para ser filiado a Colônia necessita ser pescador profissional. Mas os pescadores da praia do Perequê Açú tem outra visão quanto a Colônia:

Hoje nem uso a Colônia. Eu tenho uma menina, fora da Colônia que faz a regulamentação de pesca para mim. Quando eu fui fazer a regulamentação do meu barco, na Colônia cobrava mais caro para mim, do que essa menina. Se eu pago R\$10,00 para me afiliar a Colônia, como ela cobra mais caro isso? Então melhor não ser filiado a Colônia, porque tudo ela cobra bem mais caro para o associado, não se tem nada de vantagem, aquilo virou comércio (Zé Tadeu, 2019)⁵².

Essa é a grande reclamação dos caiçaras-pescadores do Perequê Açú, onde a Colônia de antigamente dava vários benefícios para eles, hoje, pagam a taxa anual e não obtém

⁵¹ José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu), caiçara-pescador do Box: 01, Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú, entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

⁵² José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu), caiçara-pescador do Box: 01, Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú, entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

nenhuma vantagem, pelo contrário tudo que é feito na Colônia a taxa é mais cara que em qualquer despachante da cidade.

Hoje vejo que não é mais necessário ser filiado a Colônia, na época as pessoas falavam que se parasse de pagar a Colônia não ia receber a aposentadoria, mas descobri no INSS que a Colônia não tinha vínculo nenhum com o INSS, então eles estão aqui só para fazer o documento. E para fazer documento se eu for na Capitania, é melhor, eu pago menos. Eu pago mais barato indo pessoalmente. Todo pescador não tenha medo da Marinha, nois não vamo prender ninguém, pode vir aqui, diz o cara da Marinha (Neco⁵³, 2019).

Eles gostariam que a Colônia, por ser uma Associação para os Pescadores, deveria ajuda-los em vários procedimentos, como explica o caiçara-pescador Neco (2019):

Se a Colônia de Pescador foi fundada para ajudar o pescador, ela tinha que dá auxílio ao pescador, na hora que o pescador precisasse de uma reforma no barco, na compra de rede, deveria auxiliar o pescador na compra de rede e outras coisas [...] Quando quisermos apoio para colocar a luz no Rancho dos pescadores, aqui no Perequê Açú, eles disseram (Colônia) vai na Prefeitura (Neco, 2019).

A Colônia de Pescadores é uma associação de interesse comum, tem uma gestão participativa para que hajam tomadas de decisões e também ajuda a resolver problemas conjuntamente, através de assembleia geral.

É composta por uma Assembleia que é soberana, que são os pescadores (coletivo dos associados) depois vem a Diretoria, que é constituída pelo Diretor Presidente, que delibera o que o estatuto rege, abaixo dele na hierarquia, vem o Diretor Tesoureiro e o Primeiro Secretário, depois vem o Suplente desses três cargos. Ainda a Colônia de Ubatuba possui o Conselho fiscal, compostos por três conselheiros, com seus respectivos suplentes e mais duas auxiliares administrativas. Toda a Diretoria da Colônia é composta por Pescadores, praticamente todos são moradores e caiçaras de Ubatuba.

Estatutariamente a Colônia faz duas reuniões anuais, que são as assembleias, também há fórum de debate na Associação, onde são convidados os associados a participar, geralmente são para discussão de legislação ambiental. Diz o Presidente da Colônia que os pescadores associados são bem participativos nesses fóruns, que há uma divulgação pelas redes sociais (*WhatsApp, Facebook*), diz o Presidente ainda que a Colônia vai até o Rancho dos Pescadores quando necessário para pregar algum aviso, avisar de alguma reunião,

⁵³ Neco, Sr. Manoel do Santos, Caiçara-pescador, proprietário do box 4, da praia do Perequê Açú, em Ubatuba. Entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

comunicam com todos eles e o pescador da praia do Perequê Açú são bem presentes pela proximidade com a Colônia.

Mas não é o que diz a maioria dos pescadores do Rancho dos Pescadores do Perequê Açú, quando perguntados a eles se participam de reuniões dentro da Colônia, todos responderam que “não”, o motivo, se deve, segundo eles, porquê a Colônia não os avisa, não colocam cartazes no Rancho, não integram eles no grupo de WhatsApp, então não ficam sabendo desses Fóruns, “somente quando tem eleição que eles vêm nos comunicar, para ganhar voto”, diz o caiçara-pescador X⁵⁴ (2019). Já para o caiçara-pescador Y⁵⁵ (2019) relata que não participa de reuniões na Colônia:

Não, só quando tem eleição eles aparecem e quando eles querem avisar que o Meio Ambiente (Florestal) vai fechar a área. Para eles é muito importante que nois vamo nas reunião, porque eles trabalham com camarão 7 barbas, se fechar a área, onde tem o camarão 7 barbas, eles não vão trabaiá, então querem que a gente participe, para ter mais gente. Agora se fecharem a área do camarão eu assino 7 vezes, porque eles (pescadores que tem barco a motor e pesca camarão) quando estão trabalhando no mar não respeitam a minha rede, você não respeita a rede do seu amigos, vocês cortam tudo, jogam na água e não querem saber. Tem que ter colaboração um com o outro. Dizem que essa nossa área (Perequê Açú) ia ser área de preservação, então iam fechar tudo. Imagina como o pescador irá trabalhar? (Pescador Y⁵⁶, 2019).

O que se pode perceber no relato dos caiçaras-pescadores da praia do Perequê é que a Colônia deveria ser um órgão para ajudar os Ranchos de Pescas que se encontram por todo o litoral do município de Ubatuba, mas pelos desabafos esta Associação deixa cumprir suas funções.

A Colônia alerta aos pescadores quando a Policia Ambiental se dedica a um determinado foco de fiscalização, eles orientam os pescadores para cumprimento de leis. A Colônia tem lutado para ter uma legislação mais específica por região, a lei ambiental de Fomento a Pesca é uma lei nacional que atende do Oiapoque ao Chuí, trata tanto das águas interiores, como das águas litorâneas, fica muito solta nas particularidades regionais dos tratos, dos recortes de relevo, apetrecho de pesca, diversos fatores que são empíricos de determinada região, de determinadas comunidades, diz Sr. Maurici Romeu presidente da

⁵⁴ Iremos manter o anonimato do caiçara-pescador para não ser comprometido posteriormente, após divulgação dessa pesquisa.

⁵⁵ Iremos manter o anonimato do caiçara-pescador para não ser comprometido posteriormente, após divulgação dessa pesquisa.

⁵⁶ NECO, Sr. Manoel do Santos, Caiçara-pescador, proprietário do box 4, da praia do Perequê Açú, em Ubatuba. Entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

colônia dos Pescadores (2019). Então a Colônia de Ubatuba tem trabalhado para ter uma Política Territorial, dentro da APAMLN tentando regulamentar as atividades nesse âmbito.

Os Governos Federal e Estadual fazem uma legislação focando na pesca industrial que é uma pesca de grande escala, que agride o meio ambiente e esquecem que no mesmo pacote tem o pescador artesanal que pesca com sua canoa a remo e que está sujeito à mesma legislação. A Colônia, então tem lutado para que se tenha uma diferenciação nas categorias, as tratativas devem ser diferentes, o que a pesca artesanal recolhe de peixe durante o ano, não representa 10% que a pesca industrial pesca, diz Sr. Maurici Romeu da Silva⁵⁷:

Em questão de sustentabilidade a pesca artesanal é muito mais sustentável, é preciso fomentar a atividade artesanal. Mas como as Leis são feitas em Brasília, o caiçara-pescador só lamenta, chora e sente os efeitos (Maurici Romeu da Silva, 2019).

A Colônia tenta articular junto a Assembleia Legislativa Estadual fomentar uma frente parlamentar da Pesca Artesanal para discutir a política do ano de 2020 do Estado de São Paulo, porque não existe uma política de pesca do Estado, apesar de Ubatuba ter uma Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento, não tem uma Diretoria de Pesca, também há o Instituto de Pesca no município, mas ele é focado em Pesquisa e não em fomento, então não tem para quem pedir socorro no município, tem que ir para Brasília, o que torna uma guerra sem fim.

A Colônia Z10 é importante para alertar os pescadores da importância das leis ambientais, da regulamentação das embarcações embora os enfocados neste trabalho não participem ativamente dessa associação que criticam por não haver espaço para eles.

Entretanto a importância da Colônia Z10 no ponto de vista turístico é maior que as próprias críticas aqui mencionadas, ela ajuda na representação dos caiçaras-pescadores junto a Prefeitura Municipal quando na organizar dos festejos da festa São Pedro Pescador, que ocorre no final do mês de junho, de cada ano (29 de junho). Esta festa reúne cultura, tradição e fé, com uma programação de que vai desde procissão marítima de barco, corrida de canoa, show musicais, apresentação de fandango, congada e quadrilhas. Nesta festa também é servido à tradicional tainha assada dos caiçaras,

O ápice das comemorações é a quermesse onde é servido o prato típico da comunidade caiçara, cujas Tainhas, o preparo, incluindo os acompanhamentos são realizadas

⁵⁷ Maurici Romeu da Silva foi presidente da Colônia de Pesca ficou em exercício de Março de 2019 a 28 de Outubro de 2019, saiu por motivo de falecimento. Atualmente quem assumiu a Presidência da Colônia dos Pescadores Sr. Jerry Eduardo Morais.

pela própria comunidade através de seus associados, o que dá à festa, assim, a autenticidade típica que atrai turista anualmente.

Desta forma a festa de São Pedro Pescador promove a aproximação e agregação dos caiçaras-pescadores em prol do próprio turismo, enquanto gera renda para a entidade.

Entretanto os caiçaras-pescadores acham que a Colônia deveria valorizar um pouco mais a mão de obra deles na Festa do Pescador, como relata o Zé Tadeu:

Faz 20 anos que trabalho de assar tainha na Festa dos Pescadores pra Colônia, eles tiram em média R\$300,00 mil por festa em 5 dias, daí a gente pede R\$100,00 por período de festa (manhã e noite) para assar a tainha, eles não pagam, ano passado quase perdi a minha vista, por causa do calor na churrasqueira, não vale a pena, na hora de receber é uma briga, uma choradeira. Eu assava dia e noite, em média uma tonelada de tainha. Pra assar a tainha dá muito trabalho e demora, espalmada (aberta) demora de 15 a 20 minutos, fechada demora 40 minutos. Só que a Colônia nunca deu valor para a gente, quem leva a Festa é o Assador da Tainha, só que a Colônia não vê isso, querem pagar uma miséria R\$70,00 por período, esse ano de 2019 não irá 3 pescadores, eu, outro que tem o mesmo tempo de assar tainha do que eu (20 anos) e o outro é o que salga, que tem o ponto na mão, nós não vamos, porque não pagam pelo nosso serviço (Zé Tadeu⁵⁸, 2019).

Porém o dinheiro arrecadado é para manutenção anual da Colônia. Não repassam nenhum dinheiro para os associados (pescadores). A arrecadação é Estatutária da Festa e cobre os custos internos, como participação de Audiência Pública em Brasília, ida ao INSS de São Paulo, a Colônia tem duas funcionárias, tem custos fixos como água, luz, internet, impostos, só da arrecadação das taxas de serviços e da afiliação dos associados, não teria como pagar os custos. Efetivamente a Colônia tem em torno de um mil associados, porém somente 20% pagam em dia, relata o Presidente da Colônia Sr. Maurici Romeu da Silva.

Esse povo caiçara de vocabulário único, de cultura integrada, mas diferenciada, é um ser precioso, cujas técnicas e modo de vida estão em vias de extinção, são atores hegemônicos que vêm sofrendo com o processo de ocupação territorial desde o início da década de 1970, sobretudo com a construção de residências secundárias ao longo do litoral, fato esse que se sucedeu conforme explica Diegues (2001) e Raimundo (2007), motivado pela ampliação e asfaltamento da BR-101, rodovia Rio-Santos que interliga o litoral com o planalto. Esse processo de transformação do uso e ocupação do solo acabou por afetar e modificar a vida do caiçara.

⁵⁸ José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu), caiçara-pescador do Box: 01, Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú, entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

Tanto Panizza (2004) como Moraes (1999) também confirmam em seus estudos que o litoral paulista tem sofrido um processo intenso de urbanização, que estaria ligado essencialmente à exploração turística, justificado por Moraes (1999) esse fenômeno chamado de segunda residência ou casas de veraneio:

Podem ser apontadas como fator numericamente mais expressivo da urbanização litorânea [...] o caráter impactante da atividade é, em termos ambientais, diretamente relacionado à capacidade dos poderes públicos de ordenarem o uso do solo [...] em termos sociais, tal atividade desorganiza em muito a sociedade dos locais onde se instala. (Moraes, 1999, p.39).

O fenômeno turístico vem modificando o espaço e as tradições culturais dos caiçaras que segundo Marcílio (2006, p.25) “são velhos pescadores-lavradores, cujas famílias, através de gerações, viveram e cultivaram suas roças, em terras que legalmente e por direito eram suas”. Para o autor essa população passa por momentos de dificuldades sociais, econômicas e culturais, hoje estão “divididos psicologicamente entre o passado de fartura e um presente de desorientação, miséria e revolta” (Marcílio, 2006, p.25).

O turismo é uma atividade primordial para o caiçara-pescador do Perequê Açú, pois através dele é que tira o seu sustento. O turismo começou a se desenvolver na praia do Perequê Açú, como apontado, com a construção da ponte que atravessa o Rio Grande para a Ilha dos Pescadores, isso ocorreu no ano de 1941, no entanto, na década de 1950 o bairro recebe seu primeiro loteamento e entre os anos de 1974 e 1975 o turismo se intensifica com a construção da ponte de concreto entre o centro da cidade e a praia do Perequê, conforme relato da Sra. Idalina Graça (1967)⁵⁹. Desde então, o bairro vem sofrendo grandes transformações impulsionadas pela especulação imobiliária, consequência do turismo de veraneio.

O desenvolvimento do turismo na praia do Perequê Açú que está a 1,5 km do centro da cidade, primeiramente atraiu os trabalhadores da fábrica CTI e depois com a construção do Terminal Estadual Turístico em 2007, houve uma explosão de ônibus de excursão em sua praia, logo depois surgem ao *boom* das segundas residências e o turismo de veraneio.

⁵⁹ Sra. Idalina – este relato sobre a construção da ponte do Perequê está descrito no Capítulo 4 – BALNEÁRIO DE UBATUBA E A PRAIA DO PEREQUÊ, mas precisamente no subcapítulo “4.2.1 O desenvolvimento do Bairro Perequê Açú”.

A urbanização turística por segundas residências na praia do Perequê trouxe uma série de benefícios e alguns impactos. Ao analisar mais profundamente o turismo com sua especulação imobiliária, alguns caiçaras do bairro do Perequê mudaram sua profissão transformando-se em prestadores de serviços como pedreiros, jardineiros, caseiros, cozinheiros e essas mudanças se devem por causa da venda de suas posses de frente ao mar, ficando impedidos de praticar a pesca. Outros ainda continuam pescando como é o caso dos caiçaras do Rancho do Perequê, entretanto alguns perderam suas terras de frente ao mar, indo morar em bairros um pouco distante da orla marítima como é o caso do caiçara-pescador Zé Tadeu:

Na época eu perdi minha casa e ganhei uma casa popular no Ipiranguinha. O cara agiu de má fé, nós ganhamos um terreno, na rua de trás da rua da praia e o cara deu um papel em branco para meu pai assinar, quando ele precisou, nós saímos, nós tínhamos tudo pronto, casa pronta, saímos com uma mão na frente e outra atrás, perdemos tudo. Daí nós nos inscrevemos na casa de habitações Parque do Ministério e ganhamos (Zé Tadeu, 2019).

Mas o fato de perder a casa, sua casa, não trouxe um sentimento ruim, pelo contrário esse caiçara conseguiu ver o lado positivo “eu acho que tem “*Um Maior*” de todos nós, agora eu aprendi que quando a gente perde alguma coisa injustamente, Deus te retribui isso é poder de Deus. Hoje tenho não só uma casa, mas tenho duas” (Zé Tadeu, 2019).

Quando se entrevista o caiçara-pescador e tenta entender como ele vê a especulação imobiliária no bairro do Perequê Açú, obteve-se as seguintes respostas: “isso é bom, nós vivemos dos turistas. O que incomoda é o lixo. No mar tem muito lixo, está cheio” (Zé Tadeu, 2019)⁶⁰, já para Neco (2019)⁶¹ “trouxe mais benefício, trouxe clientes (turistas)”.

E quando se perguntou se o turismo havia afetado na transformação do bairro? Houve a seguinte resposta: “o pescador em si não melhorou, para nós que somos daqui do bairro não tem nenhuma peixaria aqui, não tem ninguém atravessando a gente, isso é bom” (Zé Tadeu, 2019).

Observa-se que para esse grupo minimiza o conflito entre a especulação imobiliária em suas vidas, pelo contrário eles enxergam um lado positivo nisso, acreditam que a especulação imobiliária não afetou a vida dele, mesmo relatando a perda de suas terras.

⁶⁰ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁶¹ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

Ao perguntar quais as mudanças o caiçara-pescador consegue identificar no bairro com a chegada dos turistas, da segunda residência, a maioria respondeu: “sujeira, muita lata, muito plástico”, ou seja, apenas relatam o excesso de lixo na praia. Eles não se incomodam com o barulho que os turistas fazem, nem com o aumento dos preços que eles encontram nos mercados, padarias, farmácia.

Para os estudiosos em outras áreas onde se encontram grupo ou comunidade caiçara, apesar do espaço territorial do caiçara ter modificado, acreditam que o turismo de segunda residência foi o grande vetor para a desorganização da atividade tradicional. Mas os caiçaras-pescadores da praia do Perequê Açú tem outra percepção. Perguntou-se a eles “quais as mudanças você consegue identificar no bairro com a chegada dos turistas?”, as respostas foram as seguintes:

não vejo mudança nenhuma. Trouxe mais a possibilidade de eu ganhar, de ter mais lucro. Tenho a minha esposa que trabalha com limpeza de casa, a mulher vai ter mais chance de trabalho, mais ainda. Mudança que veja é essa de melhoria, não de prejudica, tanto de freguês e peixe, como de dona de casa, trabalhei domesticamente (Neco, 2019).

E quando se tentou investigar se existia algum conflito com os turistas, a maioria respondeu negativamente, “não, nunca vi conflito aqui com o turista, mas no mercado eu já vi, porque no Mercado de Peixe, na Ilha dos Pescadores aqui em Ubatuba vende peixe ou camarão estragado. Aqui no Rancho não vende” (Neco, 2019), já para Zé Tadeu (2019), “todo o comércio tem negociação, tem pechincha, não gosto que pechinchem preço”.

A faixa litorânea sempre foi uso exclusivo de trabalho, que servia para fins comerciais e de sobrevivência, além de lugar de embarque e desembarque de pescadores. No Brasil não foi diferente, os pescadores e suas famílias tinham o mar como um caminho de subsistência, segundo Azevedo (1988):

Para o pescador, a praia é um lugar de trabalho árduo, de preparação para a pesca, de reparo das embarcações e das redes, um lugar de convívio com iguais, o caminho para o mar em que penetra para alcançar a canoa e a jangada e para lançar a rede, a tarrafa, o munzuá, a armadilha de peixes, e para armar a cambo. Molha-se nesta água, mergulha às vezes, por necessidade, mas pouco por divertimento (Azevedo, 1988, p. 9).

Os caiçaras-pescadores de Ubatuba sempre tiveram Rancho de Pesca, mas antigamente, entre a década de 1960 a 1990, esses ranchos eram individuais, como mostra um exemplo na figura 41 abaixo:

Atualmente sua Canoa é o seu meio de sobrevivência e o seu Rancho tem a simbologia de proteção e segurança, não são todos pescadores-caiçaras que possuem esse privilégio de ter um Rancho de Pesca, mas antes não era assim, como relata Sr. Rubens Negrini Pastorelli:

As pessoas que viviam em Ubatuba na época eram quase todas caiçaras nascidos e criados em Ubatuba. Moravam quase sempre em frente às praias, pois viviam da pesca, com suas canoas sempre guardadas de baixo de ranchos para proteção contra sol e chuva. Eram muito comunicativos, honestos e prestativos. Toda manhã lançavam suas redes ao mar, duas ou três vezes, depois recolham tudo e iam para casa cuidar de limpar e salgar os peixes que não eram vendidos ao lado das redes. Também colocavam as redes para secar ao sol, e as remendavam caso houvesse alguma ruptura, preparando-as para a pescaria do dia seguinte (Pastorelli, 2019)⁶².

O grupo que trabalha no Rancho dos Pescadores tem uma relação direta com o turismo, já que depende deles para a venda dos seus pescados, para eles quanto mais turistas na praia, mais lucro em seu bolso, eles não enxergam o turismo como fator negativo, para eles o turismo não atrapalha, pelo contrário traz benefícios (lucratividade) e sustenta a sua família.

Quando se perguntou a veranistas “qual a relação deles com os caiçaras-pescadores no Perequê Açu?”, a grande maioria respondeu “somos clientes, sempre compramos pescados deles”. Também foi perguntado se existia algum conflito entre os caiçaras e os turistas, mas nenhum turista relatou qualquer conflito, indicando que vivem harmoniosamente com esse grupo.

O maior conflito que foi identificado com o caiçara-pescador da praia do Perequê Açu foi à preocupação com a aprovação da APA- Litoral Norte, setor Cunhambebe, porque impactará na sua atividade econômica e no seu sustento, eles acreditam que a APA irá proibir ou restringir a pesca nessa área. E o outro conflito é com a Colônia de Pesca Z10 Ubatuba, porque acreditam que esta associação deveria ajuda-los mais, principalmente com a cobrança de taxas mais acessíveis nos serviços internos que associação disponibiliza para o pescador profissional.

4. Considerações Finais

Este trabalho visou acima de tudo destacar uma visão humanista, representada pelos caiçaras-pescadores no bairro do Perequê Açu escolhido para o desenvolvimento da análise e

⁶² Sr. Rubens Negrini Pastorelli, caiçara, relatando a sua vivência em Ubatuba para o grupo fechado do Facebook “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, em 14 de dezembro de 2019.

todo o seu relacionamento com a sociedade local, visando a manutenção desta cultura tão intrínseca, patrimônio imaterial importante também para a atividade turística.

A associação Colônia Z10, nem sempre administrada por caiçaras, pois tem influência em todos os setores da vida urbana, representa-os sendo um elo entre as suas atividades pesqueiras com os movimentos turísticos da cidade regulamentadas pelo Poder Executivo Municipal.

Pode-se perceber que as transformações ocorridas pelo turismo no bairro trouxeram impactos, tanto territorial como social, para o grupo de caiçara-pescadores que ali se encontram atualmente, porém, de forma mais branda que em outras regiões de Ubatuba, podendo até se considerar com poucos conflitos, ou seja, o veranista (turismo) e a comunidade caiçara convivem de forma equilibrada.

Apesar de alguns deles terem perdido suas terras de frente ao mar, em decorrência de situações do passado, mantêm-se fieis ao seu estilo de vida, bem como lutam para manter suas tradições e proximidade ao local onde nasceram.

Deve-se destacar que o Turismo foi responsável por tirar o Rancho dos pescadores do seu lugar inicial sendo escoraçados para o final da praia. Nesse Rancho “novo” onde há pouca infraestrutura (água encanada e sem acesso à energia elétrica dedicada) não dando condições descentes de trabalho.

Os conflitos que esse grupo caiçara vem sofrendo durante todos esses anos, podem trazer um escamoteamento tanto da sua profissão “pesca”, como da sua herança cultural, mas eles têm “fé em Deus” que a sua Pesca Artesanal irá sobreviver e conseqüentemente a sua cultura.

Outros impeditivos como o Gerco (Gerenciamento Costeiro) e a APA Marinha do Litoral Norte, tolhem a sua liberdade de pescar, muitas vezes pela falta de comunicação entre eles, ou pela sua baixa representatividade nas arenas de discussão desses planos e leis.

A única lição que se leva desse grupo de caiçara-pescador da praia do Perequê Açú, é de que são pessoas sábias, carismáticas, amáveis e gentis. Pessoas fortes de alma e físico. Não é para qualquer um acordar de madrugada, entrar no mar com chuva, frio, vento ou sol; jogar a rede, recolher a rede; limpar peixe, vender o peixe; arrastar o barco, guardar o barco; consertar a rede, e, depois de tudo isso, ainda recebem o turista com um sorriso genuíno e encantador.

Concluindo, deixa-se um alerta para o poder público local, pois devem priorizar a manutenção destas comunidades, auxiliando-os na conservação deste patrimônio imaterial único, representado por seus hábitos e costumes, que definem, muitas vezes, a verdadeira

identidade do local. Recomenda-se, para quem se interessar em continuar o estudo na praia do Perequê Açú, um aprofundamento no turismo de base comunitária (TBC) para ajudar o grupo caiçara-pescador a entender melhor como trabalhar suas peculiaridades culturais e a pesca artesanal junto ao turismo.

Referências

Abrahão, C. S., Tomazzoni, E. L. (2018). Turismo de Segundas residências no litoral sul do Brasil: uma discussão sobre seu dimensionamento e relevância para a atividade turística contemporânea. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. 12 (1), 80-101.

Adams, C. (2000a). *Caiçaras da mata atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental*. São Paulo: Annablume.

Adams, C. (2000b). As populações e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*. 43 (1), 145-182.

Azevedo, T. (1988). *A praia: espaço de socialidade*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia.

Claval, P. (2004). *A paisagem dos geógrafos*. In: Corrêa, R. L., Rosendahl, Z. *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ.

Denadai, M. R., Gonçalves, M. A., Olivato, D., Turra, A. (2008). *Com quantas memórias se faz uma canoa: a cultura do uso e feitiço das canoas de “um só pau” no município de Ubatuba, SP*. São Paulo: edição do autor.

Diegues, A. C. S. (1974). *A pesca em Ubatuba: estudo socioeconômico*. São Paulo: Sudelpa.

Diegues, A. C. S. (1973). *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática.

Diegues, A. C. (Org.). (2000). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec.

Diegues, A. C., Arruda, R. S. V. (orgs). (2001). *Saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

- Diegues, A. C. (2008). *Marine protected areas and artisanal fisheries in Brazil*. India: Samudra Monograph, International Collective in Support of Fishworkers.
- Droguett, J., Fonseca, J. O. (2005). *Ubatuba – espaço, memória e cultura*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24 (1), 17-27.
- Gasalla, M. A. (2004). *Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste do Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento*. Tese (Doutorado) - Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa*. São Paulo: ATLAS.
- Glaser, B., Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New York: Aldine Publishing Company.
- Graça, I. (1967). *Terra tamoia*. São Paulo: Editora Martins.
- Haesbart, r. C. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *Geographia*, 9 (17), 19-46.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49). Recuperado em 07 de novembro de 2019, de <http://www.nau.fflch.usp.br>
- Maldonado, S. C. (1986). *Pescadores do mar*. São Paulo: Editora Ática.
- Marcílio, M. L. (2006). *Caiçara: terra e população: estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba*. São Paulo: Edusp.
- Moraes, A. C. R. (2005). *Geografia Pequena História Crítica*. São Paulo: Annablume.
- Moraes, A. C. R. (1999). *Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro*. São Paulo: Hucitec/Edusp.

Mourão, F. A. A. (1971). *Os pescadores do litoral sul de São Paulo: um estudo de sociologia diferencial*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Mussolini, G. (1980). *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Panizza, A. C. (2004). *Imagens orbitais, cartas e Coremas. Uma proposta metodológica para o estudo da organização e dinâmica espacial. Aplicação ao município de Ubatuba, litoral norte, Estado de São Paulo, Brasil*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Raffestin, C. (1980). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.

Raimundo, S. (2007). *As Ondas Do Litoral Norte (SP): Difusão espacial das práticas caiçaras e do veraneio no Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar (1966-2001)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Raimundo, S. (2019). *Em busca da sustentabilidade perdida: lazer e turismo diante das desigualdades socioambientais*. Curitiba: Appris.

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Santiago, J. P. (2014). *Espaço geográfico e geografia do estado em Friedrich Ratzel*. Bahia: UESB.

Santos, M. (1979). *Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes.

Santos, M. (2009). *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: EDUSP.

Schimidt, C. B. (1948). Alguns aspectos da pesca no litoral paulista. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1 (1), 24.

Setti, K. (1985). *Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical*. São Paulo: Ática.

Silva, J. G. S. da. (1993). *Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil*. São Paulo: Cemar/USP.

Silvano, R. A. M., Valbo-Joergensen, J. (2008). Beyond fishermen's tales: contributions of fishers' local ecological knowledge to fish ecology and fisheries management. *Environment, development and sustainability*, 10 (5), 657-675.

Tiago, G. G., Tutui, S. L. S., Seckendorff, R. W., Grassi, R. T. B., Inácio, H. L. S. (1995). Análise da frota pesqueira sediada em Ubatuba, estado de São Paulo, Brasil. *Boletim Instituto de Pesca*, 22 (2), 71-83.

Tulik, Olga. (2001). *Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada*. São Paulo: Roca.

Veal, A. J. (2011). *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*. São Paulo: Aleph.

Vianna, M., Valentini, H. (2004). Observações sobre a frota pesqueira em Ubatuba, Litoral Norte do Estado de São Paulo, entre 1995 e 1996. *Boletim Instituto de Pesca*, 30 (2), 171-176.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Priscilla Lopes Bruno – 50%

Sidnei Raimundo – 30%

Dennis Minoru Fujita – 20%